

A Janela do Castelo

A Janela do Castelo

Ricardo Ribeiro Alves
São Gabriel - RS

© 2019, Ricardo Ribeiro Alves

© 2019, Administração Verde

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n. 9.610, de 19/2/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do autor, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Capa e contracapa (arte): Robson Ribeiro Alves (Pixel Design, pixeloffice@icloud.com)

Capa (fotografia): Daniel Nettesheim (Carcassone, França – Pixabay)

Contracapa (fotografia): Ricardo Ribeiro Alves (Carcassone, França – arquivo pessoal)

Ilustrações do livro: Adenilson Abranches Monteiro / Livia Maria Barbosa Monteiro

Revisão linguística: Eliane Ventura da Silva

Diagramação e impressão: Suprema Gráfica e Editora

Pedidos: adm.ricardoribeiroalves@gmail.com

Website: administracaoverde.com.br

Instagram: @ricardo.escritor

A474j Alves, Ricardo Ribeiro.

A janela do castelo. / Ricardo Ribeiro Alves. São Gabriel: [s.n.], 2019.

452 p.

ISBN 978.85.8179.176-0

1. Romance. 2. Ficção. 3. Castelo.
4. França. 5. Vaticano. 6. Espiritismo. I. Título.

CDU 821.134.3(81)

Universidade Federal do Pampa – Campus São Gabriel
Bibliotecária Francine da Silva CRB 10/1980

*Escrever um livro
é criar uma realidade
paralela a que vivemos*

Ricardo Ribeiro Alves

*Um escritor é como um viajante que se vê
diante de dois caminhos.
Um deles trilha assuntos como medo,
desesperança e angústia, e é um atalho,
pois rapidamente se chega a muitos leitores.
O outro caminho conduz a temas que
encorajam e instruem as pessoas,
mas leva mais tempo
para chegar aos leitores.
Eu só sei percorrer o segundo caminho.*

Ricardo Ribeiro Alves

SOBRE O AUTOR

Ricardo Ribeiro Alves é carioca, nascido na rua São Clemente, bairro de Botafogo. Aos 10 anos, mudou-se com a família para a cidade de Ubá, MG.

Estudou na Universidade Federal de Viçosa (UFV) e concluiu o curso de graduação em Administração, além do mestrado e do doutorado em Ciência Florestal. Anos depois morou na Espanha e fez um pós-doutorado na *Universidad de Zaragoza*. Atualmente, mora no Rio Grande do Sul e é professor do curso de Bacharelado em Gestão Ambiental, do curso de Engenharia Florestal, e do mestrado acadêmico em Administração da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Como escritor publicou diversos livros sobre Administração e Sustentabilidade Ambiental, pelas editoras Elsevier, Manole, UFV e Vozes. Desde a infância acalentava o desejo de escrever um livro de literatura. No entanto, outros projetos fizeram com que postergasse este objetivo.

A Janela do Castelo é o primeiro livro de literatura escrito pelo autor. A história se passa em dois países e em duas épocas diferentes: Lyon, França, na segunda metade do século XVIII; e Rio de Janeiro, Brasil, em 2015.

Saiba mais sobre o autor e seus trabalhos publicados:

Website: www.administracaoverde.com.br

E-mail: adm.ricardoribeiroalves@gmail.com

Instagram: [@ricardo.escritor](https://www.instagram.com/ricardo.escritor)

APRESENTAÇÃO

Em novembro de 2018, duas histórias vieram à minha mente. Países diferentes. Épocas diferentes. Elas tinham uma grande relação entre si, embora estivessem distantes uma da outra por mais de 200 anos.

No início eu pensava nas características e nos nomes que apareciam na história. Ia anotando tudo em uma folha de papel. Aos poucos, nome a nome, os personagens foram ocupando o seu lugar.

Depois das primeiras linhas escritas, eu sinto que “perdi totalmente o controle”.

– “Eu não criei os personagens. Eles que vieram até mim”.

Essa era a sensação que eu tinha. É muito estranho dizer isso, mas é a realidade.

Já não precisava mais “pensar a história”. Da mesma forma que, aos poucos, uma tela em branco vai dando lugar a imagens nítidas de alguma cena, pela habilidade das mãos de um pintor, à medida que eu escrevia o texto o assunto à frente ia aparecendo em minha mente. Não posso explicar isso. Intuição? Habilidade para escrever? Inteligência? Apoio espiritual? Fica para cada um de vocês tirar as suas próprias conclusões.

Com o andamento do livro, comecei a visualizar lugares, situações e conversas de personagens. Estranhamente os fatos começaram a se encaixar, volto a dizer, sem a minha aparente intervenção. Eu apenas tinha que colocar no papel aquilo que eu acreditava visualizar, ou os pensamentos que me vinham no momento. Diversas vezes eu acordava no meio da noite, tinha que vir à minha mesa para digitar no computador algo relacionado à história ou aos personagens. Mas isso faz parte da missão do escritor.

A Janela do Castelo é meu primeiro livro de literatura. Foi escrito em cinco meses, de 13 de janeiro a 9 de junho de 2019.

A história se passa em duas épocas e em dois países diferentes. A primeira parte se passa na cidade de Lyon, na França, na segunda metade

do século XVIII; e a segunda ocorre na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, em 2015. As duas histórias estão, de alguma forma, entrelaçadas. Por isso o título é sugestivo, pois a janela vermelha do castelo “presenciou” alguns dos acontecimentos descritos nas duas partes do presente livro.

Desejo a todos uma boa leitura e obrigado pela companhia!

Ricardo Ribeiro Alves

AMOSTRA GRÁTIS

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE – Lyon, França, século XVIII.....	15
Os forasteiros.....	17
O castelo da janela vermelha.....	19
O novo centro financeiro.....	21
O salvador das almas.....	22
Em busca de informações.....	25
Em nome do reino.....	27
As informações do jovem Frontin.....	30
O regresso de Candice.....	31
O passado que veio à tona.....	33
Uma paixão conflituosa.....	35
A vida no castelo.....	36
O sonho de Dom Maurice.....	38
Doces lembranças.....	40
O rapto da donzela.....	41
As primeiras conversas.....	43
O pedido de casamento.....	46
O veredicto final.....	50
A bebedeira na taberna.....	55
Uma drástica decisão.....	59
O envenenamento.....	62
O funeral de Louis Bascher.....	65
A suspeita do médico.....	67
A emboscada.....	71

A destruição das provas.....	75
O noivado.....	78
Amargas lembranças.....	82
A reconstrução de uma vida.....	89
Anjos da Terra.....	92
O Irmão Aaron.....	95
A gravidez.....	99
O nascimento da filha da camponesa.....	101
O batizado e o padrinho.....	105
O objeto perdido.....	106
Frequentando a Catedral de Lyon.....	108
Obtendo informações.....	112
Contatos na <i>Place Saint-Jean</i>	120
O medalhão da jovem.....	125
Desmascarando o noivo.....	130
A confissão de Madeleine.....	138
As memórias e o castelo.....	141
O Conde de Gâtinais.....	143
O baile no Palácio de Versalhes.....	145
O novo compromisso.....	153
O sucesso nos negócios.....	156
O retorno a Lyon.....	157
A recordação do velho bispo.....	159
As últimas palavras de um amigo.....	161
A surpreendente descoberta.....	164
A rejeição incompreendida.....	167
A jovem de Marselha.....	169
Diálogo de mãe e filha.....	172
O genro de Madeleine.....	175

Os novos ventos na Catedral de Saint-Jean.....	177
Novas revelações.....	179
À procura do Irmão Aaron.....	184
O cachimbo da morte.....	189
A herança do castelo.....	192
O ataque à freira.....	198
A carta enviada ao Vaticano.....	203
A visita do Bispo Remy.....	205
Acusada de bruxaria.....	208
Eliminando um adversário.....	214
A decisão do Cardeal Baptiste.....	216
A descoberta do medalhão.....	220
O crime de René.....	224
O disfarce.....	229
A revelação de Aaron Vasselot.....	233
A investigação do Vaticano.....	241
O depoimento da freira.....	245
O segundo interrogatório.....	252
Mais algumas pistas.....	257
O retorno ao Vaticano.....	262
O empréstimo das roupas.....	267
Dom Salvatore.....	269
A perspicácia do Cardeal Baptiste.....	275
O exorcismo.....	279
Desmascarando o culpado.....	283
A prisão do bispo.....	289
O depoimento do bispo.....	292
A traição de um aliado.....	300
Os crimes da dupla.....	306

A visita do filho.....	315
A vingança do filho.....	319
A revelação tardia.....	323
Revoada de pássaros.....	330
SEGUNDA PARTE – Rio de Janeiro, Brasil, 2015.....	337
No topo do mundo.....	339
O diagnóstico.....	341
Mais um dia de trabalho.....	344
Lobo em pele de cordeiro.....	350
Uma família quase perfeita.....	351
Temida repercussão.....	354
Toca o telefone.....	357
A palestra.....	359
A mensagem incompreendida.....	364
O mendigo Noé.....	369
As visitas.....	371
Bons caminhos.....	377
Fim da linha.....	379
O término.....	382
Inconformismo.....	386
Maus caminhos.....	388
A fogueira e o medo.....	391
Viagem a Paris.....	393
O magnífico Palácio de Versalhes.....	400
Um pouco da história de Paris.....	403
Viagem a Lyon.....	405
Traição.....	415
Um olhar do passado.....	418

Mais mensagens.....	421
Quando a razão não quer aceitar os fatos.....	426
A partida incompreendida.....	435
Não se julga o livro por um capítulo.....	438
A paz e a esperança que invadem os corações.....	450

AMOSTRA GRÁTIS

AMOSTRA GRÁTIS

Primeira Parte

Lyon, França
Século XVIII

AMOSTRA GRÁTIS

OS FORASTEIROS

Duas décadas antes da Revolução Francesa de 1789, a bela cidade francesa de Lyon recebia uma comitiva de carruagens proveniente do Condado de Gâtinais. Alguns comerciantes saíam de seus estabelecimentos a fim de ver que movimentação anormal era aquela. Certamente eram nobres vindos de outras localidades que aportavam na cidade, pensavam alguns deles.

Ao todo eram oito carruagens. As três primeiras eram mais simples, mas a quarta exibia características sofisticadas que a diferenciavam das demais, além de seu cocheiro estar ricamente vestido. As últimas também eram belíssimas, no entanto um pouco menos que aquela suntuosa carruagem.



A curiosidade dos aldeões ficou evidente, e já havia um cochicho entre eles. A comitiva parou em frente a um castelo, após o povoado localizado em

um bairro afastado de Lyon. Não era dos maiores castelos da região, mas era uma imponente construção.

– Será que vão morar no *Château de la Fenêtre Rouge*¹? – disse um senhor da aldeia, referindo-se ao castelo próximo a eles.

– É possível, pois o castelo foi vendido meses atrás para uma família rica de outro condado. Veja quantas carruagens e os objetos que saem da comitiva – respondeu um jovem mercador, visivelmente admirado com a cena que presenciava.

Um empregado esperava por eles na ponte que ligava a estrada ao castelo. Ao chegarem os forasteiros, ele saudou o cocheiro da primeira carruagem. Aos poucos as outras carruagens também chegaram e pararam no mesmo local. Então, desceram os cocheiros e as pessoas que estavam no seu interior.

Da mais imponente das carruagens, a de número quatro, desceu primeiramente o cocheiro, que abriu a porta para uma bela dama, trajada com um vestido branco e com colares no pescoço. Desceu, também, um senhor, notadamente mais velho do que ela, que usava trajes finos.

Os aldeões da vila, ao longe, perceberam que se tratava dos novos donos do castelo, a julgar pelas roupas que vestiam e também pelas primeiras ordens que eles davam ao resto dos presentes.

Em poucos minutos algumas pessoas de pele morena saíram do castelo, para o serviço referente ao carregamento dos pertences contidos nas oito carruagens. Eram servos que recebiam as ordens diretamente da pessoa que aguardava a comitiva.

– Tenho certeza que você fez um bom trabalho nesses meses, Laurent – disse em tom alto o senhor vestido com trajes finos.

– Senhor Antoine, dediquei toda minha atenção e capacidade para que esta nova moradia ficasse nas melhores condições para atender ao conforto de V. Sa. e família – respondeu rapidamente e com deferência Laurent, o homem que esperava a comitiva.

¹ Na tradução para o português seria algo como Castelo da Janela Vermelha (nota do autor).

O CASTELO DA JANELA VERMELHA

O *Château de la Fenêtre Rouge* era uma fortificação de porte médio, com uma ponte de pedra que lhe dava acesso desde a estrada. A porta principal, de tom avermelhado, era de madeira maciça, bem pesada, e seguia o contorno do arco pontiagudo de pedra sob o qual ela estava posicionada. Mais acima havia outro arco de pedra, o que dava um aspecto elegante à entrada do castelo.

Na parte superior da porta havia uma janela em estilo medieval e, ao seu lado, algumas pequenas esculturas de guerreiros com lanças. O contorno da janela era vermelho, e quando ela estava aberta era possível olhar o horizonte. Em um passado remoto, aquela janela ajudava a ficar à espreita de inimigos que poderiam invadir o castelo.



No interior do castelo havia um amplo pátio, cujo acesso se dava pela porta vermelha da entrada. Desse pátio era possível chegar a uma edificação onde ficavam os principais aposentos do lugar, tais como dormitórios, salas, gabinetes e cozinha.

Havia também, na lateral, uma escada de pedra que levava à janela vermelha, comentada anteriormente. Desse local caminhava-se por todo o andar superior do castelo e tinha-se uma vista privilegiada da região.

Voltando ao pátio, podia-se passar por uma grande porta e atingir o jardim particular do castelo, muito bem cuidado e com diversos tipos de flores e alguns bancos. O jardim localizava-se em uma região mais externa, e o muro que o cercava era de proporções e tamanho menores. Em um possível ataque, certamente era o local mais vulnerável da fortificação, por isso havia um cuidado enorme com a segurança, e a porta de acesso tinha diversas travas para conter eventuais invasores.

Outrora o jardim serviu para os passeios matinais das damas e dos cavalheiros que habitaram o castelo milenar ao longo dos tempos. Mas, naquele ano de 1769, ele havia sido comprado pelo senhor Antoine Hughes, um nobre importante do Condado de Gâtinais, de origem irlandesa, e preparado por meses para servir de moradia aos novos proprietários. O encarregado de tal tarefa havia sido o empregado Laurent, um senhor de cerca de 65 anos e que prestava serviços àquela família desde a época do pai de Antoine. Com a compra do local, ele se dirigiu para Lyon a fim de cuidar pessoalmente do castelo, e agora seu trabalho deveria ser avaliado pelos patrões.

Laurent recuperou a fachada do edifício, com reformas significativas e pinturas que mantiveram as características históricas e originais do castelo. O jardim teve um tratamento diferenciado, sendo recrutado para os serviços os melhores jardineiros e trabalhadores da região, para que a enérgica e autoritária senhora Candice, esposa de Antoine Hughes, ficasse satisfeita com o resultado e pudesse desfrutar de um ambiente calmo e acolhedor. Era essa a sua expectativa.

O NOVO CENTRO FINANCEIRO

– Sim, o *Château de la Fenêtre Rouge* agora tem um novo dono. Eu acabei de ver as carruagens chegando. Conversei com um dos servos e, por uma moeda, ele me disse que o proprietário é o senhor Antoine Hughes, o Conde de Gâtinais, importante negociador de seda no país e nobre de uma família tradicional. Embora tenha ascendência irlandesa, sua família é ligada diretamente à corte do rei Louis XV² – disse o amável e valente Frontin a alguns amigos do povoado.

– Mas o que será que essa gente importante faz aqui em Lyon? – perguntou Louise, bem curiosa com os novos vizinhos.

– O servo não me disse muita coisa. Apenas falou que são negócios e que a senhora condessa já morou na cidade tempos atrás.

Foi o suficiente para que aqueles pobres camponeses do povoado começassem a fazer conjecturas a respeito da nova família que se mudara para Lyon.

O antigo Condado de Gâtinais ficava numa região que se estendia sobre os atuais territórios dos departamentos franceses de Loiret, Sena e Marne, Essonne e Yonne. Antoine Hughes havia herdado a veia de negociante da família e, em pouco tempo, tinha se tornado um dos principais e respeitáveis comerciantes de seda da França.

Sua ascendência nobre, o sucesso nos negócios e o posterior casamento com a aristocrática Candice Bascher, proveniente de Lyon, fizeram com que ele recebesse da realeza a alcunha de Conde de Gâtinais, passando a ser, também, um importante representante do rei naquela região.

Depois de duas décadas de sucesso no Condado de Gâtinais, o centro efervescente dos negócios do continente havia se mudado, e, em parte, isso ocorreu fora da França. O banco internacional foi transferido para Gênova, na Itália, e em seguida para Amsterdã, na Holanda. Posteriormente, Lyon passou

² Em português seu nome corresponde a rei Luís XV (nota do autor).

a ser o centro bancário da França, e sua tesouraria. Havia um bazar público no qual as contas eram liquidadas ao ar livre. A cidade de Lyon teve grande destaque no comércio de seda, vendendo especialmente para a Itália. Esse intercâmbio de negócios com os italianos deixou marcas profundas também em Lyon, haja vista que muito da arquitetura da cidade tem a influência daquele país.

Era esse o contexto que fez com que o Conde de Gâtinais transferisse seus negócios para a nova cidade. Evidentemente isso foi possível graças às bênçãos do rei Louis XV, que vislumbrava ganhos financeiros com os novos rumos tomados pelo seu servo leal.

O SALVADOR DAS ALMAS

Na Lyon de 1769 destacava-se a figura de Remy, bispo da cidade e com grande influência na região. Foi um dos sacerdotes que participou da coroação do rei Louis XV e era amigo pessoal do Cardeal André Fleury, principal ministro do reino, falecido anos antes. Seu histórico lhe conferia grande prestígio na sociedade de Lyon, além, é claro, de sua atuação como pastor da Igreja.

Assim, qualquer fato novo na cidade ou região deveria, portanto, ser de conhecimento do bispo, a fim de saber como ele seria visto aos “olhos da Igreja”.

A notícia sobre os novos moradores do castelo chegou, logicamente, até a igreja. Os boatos vindos do povoado deixaram claro para Remy que a cidade de Lyon entraria em uma outra fase. Primeiramente com a efervescência financeira dos novos negócios, e depois com a chegada de um nobre com vínculo direto com o rei.

O bispo estava, ao mesmo tempo, preocupado e interessado em obter vantagens com a nova situação. Era necessário buscar mais informações acerca da nobre família que acabara de chegar a Lyon. De imediato enviou seu discípulo Maurice para o povoado, com ordens expressas para que ele não regressasse à igreja sem as informações que ele desejava.

Maurice era um sacerdote com poucos anos de ordenação, de 28 anos, que tinha bom coração. Foi enviado anos atrás para auxiliar o Bispo Remy, mas ele não se coadunava com as artimanhas do superior para aumentar o poder da Igreja. Por ter discordado algumas vezes do mestre, passou a ser visto com desconfiança por ele. Por mais de uma vez Remy tentou transferir o pupilo e receber, em troca, outro subordinado. No entanto, apesar de ter força junto ao clero, ainda não havia logrado êxito.

Maurice, por sua vez, era o oposto do bispo. Acreditava que a Igreja deveria apenas seguir o seu papel de instruir as pessoas e ajudar os mais necessitados. Acumular posses, riquezas e poder não deveria ser o principal objetivo.

O franzino sacerdote também era confidente e amigo pessoal da freira Camille, uma jovem bonita que havia se consagrado à vida religiosa. Camille tinha as mesmas opiniões do amigo e não aprovava a maneira como Remy conduzia seus trabalhos na igreja e a amizade que ele tinha com nobres influentes da região, muitos deles inescrupulosos e totalmente contrários aos ideais da Igreja.

Aquela ordem do bispo não tinha vindo em boa hora. Maurice estava terminando de fazer seus trabalhos eclesiásticos diários e ia se preparar para sua oração, quando o mestre lhe chamou.

– Preciso que vá até o povoado, Dom Maurice – disse o bispo.
– Agora mestre? Queres que eu compre algo?
– Não. Preciso que busques mais informações a respeito dos novos moradores do *Château de la Fenêtre Rouge*. Quem são e o que estão fazendo em Lyon.

– Mas, senhor. Qual a importância deles para o trabalho ministrado em nossa igreja, disse o sacerdote em tom de desafio.

– Meu bom sacerdote. Um eclesiástico quando chega à posição em que me encontro, tanto em termos de poder como de influência na comunidade, tem a obrigação de saber tudo o que acontece com as suas ovelhas. Lembre-se que eu sou o salvador das almas aqui de Lyon, como o seu bispo querido.

Apenas por intermédio de mim que a população, seja boa ou má, conseguirá se salvar do fogo do inferno. Então, nada de perguntas e faça o que eu mando!

O Bispo Remy começou paciente o seu discurso, mas foi elevando o tom de voz e se tornando mais ríspido, algo muito típico em sua conduta como superior da Igreja Católica.

– Sim, mestre. Perdoe o meu atrevimento – disse Dom Maurice já cabisbaixo. – Estou indo em seguida.

O pobre sacerdote guardou algumas anotações na gaveta do seu armário, trocou de roupa e rumou para o povoado. O Bispo Remy saiu do cômodo em que estavam e, pensativo, retornou para a igreja.

– Este sacerdote está cada vez mais petulante. Onde já se viu questionar uma ordem minha. Amanhã mesmo vou enviar novamente uma carta para o Cardeal Baptiste. Preciso de um auxiliar que não me questione. De preferência que seja mudo, pensou o diocesano.

Após refletir alguns minutos sobre a necessidade de transferência do subordinado e a vinda de um novo auxiliar, seu pensamento se fixou em Camille, a jovem freira.

– Como ela estava bonita. Ela se destaca em meio àquelas freiras idosas e beatas de minha igreja.

Há meses Bispo Remy se sentia apaixonado e atraído por Camille. Por diversas vezes tentou se aproximar da jovem e iniciar uma conversa, mas sempre acontecia algo que impedia seus planos. Por outro lado, percebia que a freira o evitava, parecendo adivinhar os intentos maliciosos do eclesiástico.

Com os pensamentos enegrecidos por tamanho desejo, afrontando os votos de celibato que havia jurado por conta de sua ordenação décadas atrás, Bispo Remy não apenas tinha desejo por poder e riqueza, mas também buscava os prazeres da carne. Considerava que era um justo prêmio para quem doou a vida em favor da Igreja.

– Meu poder é supremo e consigo todos os meus objetivos. Hei de consegui-la. Eu a mereço.

EM BUSCA DE INFORMAÇÕES

O pobre sacerdote Maurice saiu em disparada em direção ao povoado. Não tinha certeza se conseguiria obter informações concretas a respeito do que havia lhe pedido o mestre, mas sabia que se voltasse sem alguma notícia seu tempo de pupilo na Catedral de Lyon estaria por um fio. Ainda mais porque ele vinha notando que o Bispo Remy não aprovava seu comportamento de discípulo questionador. Era necessário recuperar a confiança, mesmo que não concordasse com os métodos praticados pelo superior.

Da Catedral de Lyon, no centro da cidade, até o povoado próximo ao *Château de la Fenêtre Rouge* era uma caminhada de aproximadamente uma hora. Não bastasse a distância e o sol a pino das 2 horas da tarde, o sacerdote ainda estava com um calo no pé, o que lhe dificultava os passos.

Ao longo do trajeto Dom Maurice encontrava diversos moradores da cidade, que acenavam para o conhecido sacerdote. De jeito simples e sincero, ele cativara a todos pela homilia fervorosa e de aspectos práticos, nas raras vezes em que celebrava missa na ausência do Bispo Remy. Essa era mais uma razão da antipatia do mestre pelo discípulo: enquanto suas pregações insistiam no pecado, nas manifestações do demônio e no juízo final, com ida para o inferno para aqueles que não seguissem as ordens da Igreja, as do seu pupilo eram proferidas com base na fé, na caridade manifestada pelo exemplo de Jesus e na união entre as pessoas, qualquer que fosse a sua classe social, cor da pele ou se era livre ou escravo.

Pode-se imaginar que tais pensamentos despertavam a ira do bispo e de muitos frequentadores da catedral que se coadunavam com suas ideias. Por outro lado, principalmente as pessoas simples e pobres se enchiam de esperança com as palavras doces proferidas por Dom Maurice.

No contato que o Bispo Remy fez com o Cardeal Baptiste, superior hierárquico que morava em Roma, pôde destacar a insolência do sacerdote, bem como suas ideias liberais e igualitárias, o que, segundo ele, muito incomodava

a sociedade de Lyon. Baptiste prometeu uma solução para o caso. No entanto, meses se passaram e nenhuma atitude foi tomada.

– O que não representa vantagem financeira não tem pressa para os cardeais – imaginou o Bispo Remy na época do contato. – Terei que buscar outros meios para retirá-lo daqui!

Alheio às artimanhas do bispo para lhe expulsar da catedral, Maurice prosseguia viagem, sempre incomodado com o calo que doía a cada passo que ele dava. Já estava quase na metade do caminho quando uma voz lhe interrompeu.

– Sacerdote! Sacerdote! V. Revma., Bispo Remy, se encontra na cidade?

Dom Maurice ficou trêmulo e assustado. Olhou para o lado e enxergou um cavaleiro ricamente vestido. Lembrava-se de tê-lo visto várias vezes na catedral, em conversa com o seu mestre. Sim, era ele, o nobre francês e fazendeiro René Vasselot.

– Meu senhor, o querido mestre está na catedral, respondeu o ainda assustado sacerdote.

– E aonde vais, discípulo?

– Estou em uma missão confiada pelo senhor bispo.

Ao terminar de proferir a frase, o cavaleiro não lhe perguntou nada mais. Não seria de bom tom, mesmo para um nobre, querer saber sobre as ordens dadas por um pontífice. René saiu do caminho de Dom Maurice, que pôde, então, prosseguir viagem. O cavaleiro foi em direção à catedral da cidade.

– O que será que eles tanto conversam? – pensou o sacerdote.

Meia hora após o encontro com o cavaleiro, Dom Maurice finalmente chegou ao povoado. Podia vislumbrar, ao longe, o magnífico castelo.

– Como ele está mais bonito! – exclamou o sacerdote ao ver a fortificação.

Havia meses que ele não ia àquela localidade, e pôde contemplar agora as modificações realizadas.

Não tardou e conseguiu as informações que necessitava, embora um pouco vagas. Algumas delas obteve com camponeses da região e outras com Frontin e Louise, seus amigos que haviam presenciado a chegada da comitiva.

EM NOME DO REINO

O Bispo Remy e o nobre René Vasselot eram aliados de longa data. Unidos em prol de obterem vantagens tanto para a nobreza quanto para a Igreja, eles há anos haviam celebrado aquela frutífera parceria.

Embora decididamente um não confiasse totalmente no outro, a união já havia trazido importantes vantagens aos dois. Por intermédio do Bispo Remy, o nobre René se aproximou da corte do rei Louis XV e pôde intensificar os negócios com comerciantes de todo o reino. Por sua vez, o Bispo Remy obteve percentuais lucrativos nos negócios empreendidos pelo aliado.

René era um nobre francês, nativo de Lyon, extremamente ganancioso. Era dono de um belo castelo na região metropolitana da cidade e obtinha lucros com a agricultura exercida por plebeus em suas terras. No entanto, as taxas que cobrava eram cada vez maiores, e se algum camponês se recusasse a pagar tais dividendos, o cavaleiro não hesitava em usar a força para fazer cumprir seus objetivos. Para isso contava com os serviços leais de Jean, seu capataz mais severo. Por causa dessas credenciais de temido por todos na região, sua presença havia assustado o franzino sacerdote Maurice, que, há tempos, conhecia a sua fama.

Algumas terras sob supervisão de René, na realidade, pertenciam ao Bispo Remy. O fruto das rendas obtidas pelo presbítero era, em parte, investido nas propriedades férteis da região. Porém, como diretor espiritual da Catedral de Lyon e subordinado direto do Vaticano, a ele não cabia possuir bens. E pelo voto de pobreza consagrado em seu juramento, caso tivesse alguma riqueza, ela imediatamente deveria ser transferida para a Santa Sé.

– Não vou deixar minha riqueza para eles! – esbravejou uma vez o bispo de Lyon. – O Vaticano já é muito rico e eu preciso dessas terras. Eles não as tomarão de mim!

Assim, René era uma espécie de “laranja” do Bispo Remy, usando um termo atual. Seu aliado, que era tão ganancioso quanto ele, era o parceiro

perfeito para seus negócios. Às vezes, o bispo visitava suas propriedades e, pessoalmente, dava ordens aos servos e aos camponeses que arrendavam suas terras. Embora essas atitudes do bispo fossem suspeitas para alguns, na prática todos consideravam o astuto René como dono daqueles campos.

O cavaleiro dizia que o bispo era tão somente o apoio espiritual que ele necessitava em seus negócios e, por isso, tinha liberdade de determinar tarefas ou impor sanções aos que viviam naquelas terras. O Bispo Remy também concordava com o aumento das taxas e com o uso da força contra os rebeldes que se recusavam a pagar o preço que seu aliado e ele consideravam justo.

Alguns minutos depois, o nobre René entrou na Catedral de Lyon e saudou o seu parceiro de negócios.

– Saudações Bispo Remy. Encontrei-me com o seu discípulo na estrada e ele me disse que estava na catedral. Precisamos conversar sobre os negócios que farei – disse alegremente o nobre René.

– Então encontraste aquele traste? – perguntou com sarcasmo o pontífice.

– Mas por que trata assim o seu servo leal? – perguntou curioso o nobre francês.

– Quem dera se assim fosse. Cada dia tenho mais problemas com ele. Suas homilias são uma afronta ao pensamento da Igreja. Além disso, ele está cada vez mais impertinente.

– V. Revma. me perdoe, mas as palavras do sacerdote Maurice são profundas, cheias de doçura e bondade. Não é de se espantar que os fiéis sempre esperem por suas palestras – disse o nobre buscando, na realidade, alfinetar o presbítero.

– Não me venha com ironias, René. As palavras de Dom Maurice são manifestações do diabo. Ele tenta mostrar ao povo um mundo caridoso, no qual as pessoas são iguais e devem buscar a fraternidade. Em que mundo ele vive? Não vemos sofrimento em todo o lugar? É a ação do demônio ou do próprio Deus, por causa do pecado dos fiéis. É assim que a Igreja deve se mostrar a

todos. É pelo medo que iremos conquistar as almas e as faremos generosas com os cofres da paróquia.

René, que já conhecia de longa data o amigo, deixou escapar uma risadinha. Ele sabia que tocar no nome do sacerdote era motivo para provocar o seu aliado. Era uma forma de introduzir o diálogo com o bispo para que, posteriormente, falassem de negócios.

– Mas não vamos nos preocupar com Maurice. Assim que possível ele deixará este santuário.

– Vai expulsar o pobre sacerdote? – perguntou René, espantado.

– Dom Maurice há tempos é uma pedra no meu caminho. Suas discordâncias e seus questionamentos mostram o quão petulante ele é. Ele precisa ser contido, e tentarei removê-lo daqui. Todavia, ainda não tive resposta de Baptiste...

– O Cardeal Baptiste? – interrompeu René com a pergunta.

– Sim, fiz um relatório a respeito de Maurice e enviei para Baptiste. Entretanto, o cardeal não tomou nenhuma atitude, apenas mandou o mensageiro dizer que havia recebido a carta. Estou esperando ansiosamente há meses a sua resposta. Mas, quando o assunto não envolve dinheiro, já é praxe que o Vaticano não se interesse na celeridade das questões. Creio que terei que resolver por outras vias.

– Quais? – perguntou curioso o nobre René.

– Ainda estou pensando no assunto. Vamos aos negócios – desconversou o bispo.

AS INFORMAÇÕES DO JOVEM FRONTIN

– Por que a senhora Candice regressou a Lyon depois de mais de duas décadas? – perguntou o sacerdote Maurice ao jovem Frontin.

– Mas eu pensava que o casal era forasteiro. Não sabia que ela era de Lyon – respondeu surpreso o valente camponês.

– Sim, sua família é conhecida na cidade. Na época que ela foi embora, eu era criança.

– O senhor Antoine Hughes, o Conde de Gâtinais, é um importante comerciante de seda. Seus compradores são principalmente os italianos. O servo que subornei me disse que o casal se mudou para Lyon a negócios, graças ao centro financeiro que somos agora. O servo também disse que ficou sabendo que o próprio rei Louis XV incentivou, ou ordenou, que o conde viesse para a nossa cidade. Isso foi o máximo que o rapaz me disse. É tudo o que sei – disse Frontin.

– E sobre a senhora?

– Não perguntei, e ele não disse nada. Sei apenas que são casados há mais de 20 anos. Por que quer saber essas coisas, Dom Maurice?

– Meu mestre ordenou que eu viesse aqui saber quem são os novos moradores forasteiros.

– Aquele abutre que se diz bispo? – perguntou Frontin, sem a menor cerimônia.

– Não fale assim do bispo, Frontin. Sei que ele não é o melhor exemplo de pastor da Igreja, pois comete diversos erros, mas não devemos baixar o nível ao falar de um representante de Deus.

– Representante de Deus ou do demônio?

Dom Maurice arregalou os olhos com o questionamento do amigo. Estava ali defendendo o bispo que diversas vezes enfrentou, mas não podia deixar de dar razão às palavras de Frontin. O Bispo Remy já havia feito várias atrocidades, algumas delas acobertadas pela Santa Sé, além de muita gente desconfiar que ele fosse dono de terras que supostamente seriam do nobre René Vasselot. Ficou pensativo durante alguns minutos e respondeu:

– De fato o bispo não tem se comportado bem.

– E vais dar-lhe estas informações? O que será que ele está tramando dessa vez?

– Eu não sei, Frontin. Mas darei somente algumas informações a ele. Aquelas que eu considero que sejam inofensivas.

Ao acabar de pronunciar tais palavras, Dom Maurice se despediu do amigo e tomou o caminho de volta. Era entardecer e pelo menos agora o sol estava se pondo, embora a dor no calo ainda persistisse.

O REGRESSO DE CANDICE

Com a temperatura um pouco mais amena, Maurice conseguiu fazer o trajeto com cerca de cinquenta minutos. Do lado de fora da catedral era possível ver o cavalo do nobre René. Dom Maurice sentiu um arrepio na espinha ao imaginar que o cavaleiro estivesse no santuário com o seu mestre, Bispo Remy.



A Catedral de Lyon ou Primacial Saint-Jean Baptiste-et-Saint-Etienne, ou simplesmente Catedral de Saint-Jean, é a sede episcopal da Arquidiocese de Lyon. Foi construída entre os anos de 1175 e 1480 e seu estilo é gótico. Atualmente ela está localizada no quinto *arrondissement*³ de Lyon, no coração do bairro medieval e renascentista de *Vieux Lyon*, sendo uma das construções mais marcantes do lugar.

Em 1769, a catedral era parte de um complexo de igrejas e outros edifícios religiosos. Sua imponência causava temor e fascínio aos visitantes, que vinham de diversos pontos da França e de outros países para conhecê-la.

Dom Maurice parou um instante e ficou observando a fachada da catedral. Ele sabia que não havia o que fazer. Era necessário entrar e prestar contas ao seu tutor. Timidamente o sacerdote abriu a porta e encontrou a dupla em conversa animada. Ambos pararam a prosa e olharam para o pupilo.

– Já era hora, Dom Maurice. A tarde toda para conseguir meras informações cotidianas de Lyon, disse em tom áspero o Bispo Remy.

– Perdão, V. Revma. Estou com um calo no pé. Isso me impediu de acelerar a caminhada.

– Não me venha com desculpas, Dom Maurice. Certamente este calo foi uma punição divina por sua insubordinação e incompetência de sempre – disse o bispo, tentando impressionar René. – Diga o que conseguiu apurar sobre os novos moradores.

– Que novos moradores? – perguntou René, assustado.

– Não está sabendo dos novos moradores do *Château de la Fenêtre Rouge*?

– Ouvi falar que havia sido comprado por um rico comerciante e me disseram que estava em reforma. Pensei que seria uma residência de veraneio apenas. Um local para estadia temporária, e não definitiva.

³ *Arrondissement* é um termo que pode ser traduzido como distrito. Mas quando a palavra se aplica a município possui a ideia de “bairro”. Na França, os *arrondissements* municipais são subdivisões de Paris, Lyon e Marselha (nota do autor).

– Ledo engano, meu nobre René. Pelas primeiras informações que tive se trata de um casal afortunado de comerciantes. No entanto, não sei quem são, ao que incumbi meu pupilo de obter tais informações – disse Remy, virando-se em direção a Maurice. – Então, fala logo!

Dom Maurice olhou para o bispo como se estivesse com receio de dizer alguma palavra. O bispo suspirou e disse:

– Fala logo, Dom Maurice. René também precisa saber quem são as novas ovelhas de nosso rebanho.

Dom Maurice contou-lhes a história que havia escutado do amigo Frontin. Ao ser pronunciado o nome de Candice Bascher, agora senhora Candice Hughes, esposa de Antoine Hughes, ficou visível a perturbação que se apossou de René. O nobre francês empalideceu-se. O bispo rapidamente percebeu o acontecido e, ao término da história contada por Maurice, mandou que o sacerdote se retirasse da sala.

O PASSADO QUE VEIO À TONA

René mal podia acreditar na história que chegara aos seus ouvidos.

– Candice estava novamente em Lyon! Como isso era possível – pensou ele. – Eu acreditava que ela jamais fosse pôr novamente seus pés na cidade.

Após a retirada de Dom Maurice, o Bispo Remy ficou analisando o comportamento de René, como se tentasse adivinhar seus pensamentos. Aquela notícia havia deixado seu aliado transtornado.

– Por que será? – pensava ele. – O que René esconde? Por que ficou abalado com a chegada do casal?

Na época da saída de Candice, 20 anos atrás, o Bispo Remy ainda não morava em Lyon, portanto não sabia quem era aquela senhora. Mas, astuto como sempre foi, imaginava que ela deveria ser alguém importante na sociedade de Lyon e que isso, certamente, havia sido ocultado pelo seu pupilo. Todavia,

diante da reação inesperada do amigo, era provável que ela fosse alguém muito influente naquela época.

– Vejo que o amigo ficou surpreso com a chegada do casal. Especialmente com a chegada da senhora, Candice Hughes. Por acaso a conhecia? – perguntou o bispo Remy, interrompendo o silêncio que já durava dez minutos após a saída do sacerdote.

René, ainda preso em seus pensamentos, demorou a responder ao bispo. Estava intrigado com aquele acontecimento. Era como se tivesse recebido uma punhalada pelas costas, cuja dor se tornava mais intensa a cada minuto. Finalmente, virou-se para o bispo e disse:

– A senhorita Candice Bascher era uma personalidade da aristocracia de Lyon. Uma jovem bonita naquela época, que era cortejada por diversos homens honrados da cidade.

– E por acaso o amigo foi um desses homens honrados que cortejaram a distinta senhora? – perguntou Remy, com um pouco de ironia. – Afinal de contas, de acordo com as informações trazidas pelo meu pupilo, vocês devem ter a mesma idade e, portanto, não seria nada improvável.

René se sentia desconfortado. Não queria tratar desses assuntos com o Bispo Remy. Embora fossem parceiros nos negócios, o nobre decididamente não confiava no religioso. Limitou-se a dizer apenas:

– Não, V. Revma. Nessa época eu já havia desposado Emmanuelle – disse René, mentindo ao bispo.

Ao terminar de dizer a frase, René se levantou, despediu-se do bispo e saiu da catedral.

O Bispo Remy, como não poderia deixar de ser, desconfiou das palavras do nobre francês.

– O que ele estaria escondendo? Quem era Candice Hughes? Por que ela deixou seu aliado transtornado? Quando ela se mudou de Lyon, estaria mesmo René casado com Emmanuelle?

Essas dúvidas pairavam no ar, e o Bispo Remy sabia que tinha que descobrir o que era. Poderia ser um trunfo que ele teria. Hoje René Vasselot era seu aliado, mas o presbítero aprendeu a não confiar em ninguém.

– Pode ser uma informação muito útil no futuro, pensou o maquiavélico pastor.

UMA PAIXÃO CONFLITUOSA

René saiu rapidamente da catedral e subiu em seu cavalo. O nobre francês, famoso por sua astúcia nos negócios e rigidez com os camponeses, era um ser transtornado galopando a todo vapor. Parecia que queria se afastar o mais rápido possível do santuário em que estivera.

– Não acredito que Candice está de volta. Depois de tudo o que aconteceu.

Não tardou e ele chegou ao seu castelo, nas imediações de Lyon. Para sua sorte a esposa, Emmanuelle, estava em visita ao sogro, na cidade de Marselha.

– Com a ausência de Emmanuelle conseguirei colocar meus pensamentos em ordem.

E foi o que aconteceu. Ao se deitar e conseguir relaxar, seus pensamentos voltaram 20 anos atrás, à sua mocidade. Podia visualizar aquela linda moça, com seus vestidos exuberantes.

A senhorita Candice Bascher havia morado e estudado em Roma. Na capital italiana frequentava bailes e participava de atividades no Vaticano. Mesmo com 18 anos, já era uma mulher muito bela, que despertava paixões em diversos homens. Teve que voltar a Lyon devido à doença de seu pai, e se juntou às duas irmãs e aos cunhados, ajudando-os em seu tratamento. Ela sabia que sua beleza estonteante lhe dava um diferencial importante em relação

às suas concorrentes, além da sua posição social, visto que era filha de um influente fazendeiro da região de Lyon.

– Realmente ela tinha uma beleza incrível, concordava René com seus pensamentos, que agora afloravam sem cessar.

– Mas eu estava na frente. Havia conquistado aquela mulher.

De súbito os pensamentos de René foram se tornando mais nebulosos.

– Aquela discussão – lembrou-se ele. – Eu nunca soube como ela descobriu o que fiz e por que foi embora de Lyon.

– Suas palavras ásperas ainda ecoam em meus pensamentos, bem como sua expressão de rancor dizendo que ainda iria se vingar de mim.

Como seria reencontrá-la 20 anos depois? E agora a situação de ambos era diferente. Ele casado com Emmanuelle e ela casada com um rico e importante negociador de seda vinculado à corte do rei Louis XV.

– Talvez o tempo tenha ajustado as desavenças entre nós, e o sentimento de vingança tenha dado lugar à indiferença, pensou o nobre francês.

– Ainda preciso saber como ela descobriu. Recordo-me que ela disse apenas que a confiança estava abalada e que ela poderia arrumar alguém melhor na vida dela. E que eu deveria ser capaz de consertar o erro que eu cometi – pronunciou o nobre cavaleiro, em voz alta.

– Eu sei que errei, mas foi apenas uma aventura – pensou René novamente.

A VIDA NO CASTELO

Vinte anos depois. As lembranças de Candice ao chegar à cidade de Lyon voltaram à tona. Algumas ruas e construções a mais, mas ali estava a mesma Lyon de outrora. Lembranças felizes. Lembranças amargas. Tudo se misturava em profusão em seus pensamentos e sentimentos.

Aquela jovem de 20 anos que deixava todos os pretendentes a seus pés se transformou em uma jovem senhora de 40 anos que havia desposado Antoine Hughes, o Conde de Gâtinais, um dos mais importantes comerciantes do reino francês e amigo pessoal de Vossa Majestade, o rei Louis XV. Antoine Hughes, apesar de bem mais velho, com 65 anos, era o esposo perfeito para ela. Seu casamento lhe proporcionou todas as comodidades e regalias que sempre sonhou. Frequentou inúmeros bailes e visitou diversos reinos ao longo dos 20 anos de casada.

Quando foi embora, aquela jovem senhora esperava o dia de retornar à cidade de Lyon para poder se vingar de René Vasselot, seu antigo amor, que havia lhe traído. Esperava com ansiedade o dia que isso fosse possível.

– Ele vai pagar as falsas juras de amor que fazia para mim – pensava ela. – Mas anos depois seu pensamento mudou, e já não tinha tanto rancor como antes.

Era a primeira semana na nova moradia, e somente naquele dia Candice resolveu ir à parte de cima do castelo. Foi até a janela avermelhada e em estilo medieval, de onde se podia ter a vista maravilhosa de campos e povoados à frente da fortificação.

– É incrível a vista que se tem daqui! – exclamou Candice.

– É a vista mais bonita da região. Esta janela foi posicionada em um local estratégico do castelo, pois no passado era uma fortificação que protegia os moradores das guerras, que eram bem comuns por aqui, disse a empregada que acompanhava a senhora do castelo.

– É verdade. Agora deixe-me sozinha.

– Sim, senhora. Caso precise de algo, estarei lá embaixo.

Candice Hughes era uma pessoa bem autoritária. Acostumada a ter todos a seu dispor, ela adquiriu hábitos rudes, principalmente no modo de tratar os servos e empregados. Sentia que todos deveriam estar orbitando ao seu redor, servindo-lhe, e isso valia tanto para os empregados, como para o seu marido e toda a sociedade. De certa forma, ela tinha conseguido lograr êxito, e todos lhe prestavam reverência.

Posicionada à frente da janela vermelha do castelo ela possuía uma vista privilegiada. Podia ver não somente o horizonte das paisagens externas ao castelo, mas também o interior dele, o pátio enorme, as escadas, o local destinado à habitação e o jardim belíssimo feito para ela.

Naquele lugar, de volta aos seus pensamentos ocultos e vislumbrando o horizonte que se lhe apresentava, sua mente revivia a Lyon de 20 anos atrás.

O SONHO DE DOM MAURICE

Bem distante do castelo, na casa do jovem Frontin, um quarteto tinha uma amigável conversa. Na sala da casa estavam, além do anfitrião, a sua amiga Louise, a freira Camille e o franzino sacerdote Dom Maurice.

– E ela é bonita? – perguntou a freira Camille a Frontin.

– É a mulher mais bonita que eu já vi!

– De quem estão falando? – perguntou, com ar de curiosidade, Louise.

– Não sabia? Frontin está apaixonado por uma camponesa.

– Como ela se chama, Frontin? Eu a conheço? – perguntou Dom Maurice.

– Ela não mora na cidade. Mora na região rural de Lyon. Chama-se Luci Annee. Vou me casar com ela – disse o jovem Frontin, com uma alegria imensa.

– Então espero celebrar o casamento de vocês – disse o sacerdote.

A conversa estava animada, até que o sacerdote retomou a palavra.

– Meus amigos. Preciso lhes contar uma coisa que me deixou intrigado.

– Diga padre – falou o dono da casa.

– Há três dias venho tendo um sonho estranho. É como se a cada noite eu tivesse a continuação do sonho da noite anterior.

O trio se entreolhou assustado. Louise, que era um pouco cética a respeito de religião, logo perguntou:

– Mas o que anda sonhando, cura⁴?

– Foi um sonho estranho. Na primeira noite, vi um anjo de luz me observar ao longe, mas não disse nada. Na segunda noite, ele se aproximou e disse que está sempre comigo, me auxiliando nas dificuldades e que eu sempre poderei contar com ele. E na noite passada, ele me disse para sempre confiar em Deus, que tudo o que terei que passar será para meu bem.

– Que sonho estranho, Dom Maurice! – disse a freira Camille, um pouco espantada.

– Sim, também achei. Mas esse anjo deve ser um enviado de Deus. Em minhas orações, eu sinto que não estou sozinho.

– Eu não acredito nessas coisas. Acho que vocês se impressionam com tudo – retrucou a cética Louise.

– Amiga Louise, há mais coisas entre o céu e a terra do que sabe a nossa vã filosofia – parafraseou o sacerdote uma passagem bíblica. E continuou dizendo:

– A propósito, ele me disse que basta chamá-lo que ele estará sempre perto de mim.

Louise deu uma gargalhada irônica e falou:

– Só faltava essa. O amigo imaginário conversa com ele em sonhos e agora não desgruda dele.

Todos riram da frase de Louise, pois já conheciam seu jeito irônico e cético. Os dois religiosos e o anfitrião respeitavam o posicionamento da amiga.

– Pois, acredite ou não, o meu anjo da guarda está sempre me auxiliando nas dificuldades e me orientando o caminho que devo seguir, disse energicamente o padre.

– Eu também acredito nisso, Louise – disse a freira.

– E eu também, falou Frontin.

– Pois eu não. Para acreditar preciso ver para crer, disse risonhamente a cética.

– Como São Tomé! – disseram os três amigos em uníssono.

⁴ O mesmo que padre ou sacerdote (nota do autor).

DOCES LEMBRANÇAS

No *Château Vasselot*, residência da família do nobre René Vasselot, a surpresa e o inconformismo pairavam sob a cabeça do cavaleiro.

Suas memórias voltaram 22 anos, naquela mesma Lyon onde ele morava. Nessa época René Vasselot tinha 19 anos e Candice Bascher 18.

Lembrou-se das terras de seu pai, que ele já cuidava com atenção e pulso firme. Nada lhe escapava das mãos. De lá para cá sua fortuna e seu poder aumentaram consideravelmente e tiveram um substancial crescimento ao se aliar com o Bispo Remy, tempos atrás.

Em um dia ensolarado René cavalgava em direção às suas propriedades, quando viu duas pessoas vindo em sentido contrário, também a cavalo. Era um senhor e uma jovem. Ao se aproximar pôde reconhecer o senhor Louis Bascher. Este era um rico proprietário de terras e um dos fazendeiros mais cruéis da região, com diversos contatos importantes tanto na corte do rei como no Vaticano. Imaginou que fossem passar ao seu lado sem cumprimentá-lo, mas, para sua surpresa, o senhor parou o cavalo e conversou com ele.

– Ainda me lembro como eu tremia de medo ao conversar com o senhor Louis Bascher, pensou René, deixando escapar um risinho mesmo no meio daquele turbilhão de emoções.

– Boa tarde meu jovem René Vasselot. Passei pelas propriedades do seu pai, estão cada vez mais cheias de vida com aquelas plantações. Elas estão a perder de vista no horizonte.

– Boa tarde senhor Louis Bascher, agradeço as gentis palavras vindas de vossa senhoria, disse René. E virando-se para o lado da moça, disse: “Encantado, senhorita”.

– Ah sim, René. Essa é Candice, minha filha mais nova. Estava estudando em Roma e agora está passando uma temporada com a família.

Candice apenas acenou com a cabeça, sem dizer uma palavra. Mas seu olhar fulminou o jovem René.

– Mande minhas considerações de respeito ao senhor seu pai, jovem René.

– Obrigado, senhor.

Despediram-se, seguindo por sentidos contrários. Todavia, aquela primeira imagem de Candice Bascher nunca mais saiu de seus pensamentos. Ficava imaginando como faria para rever aquela jovem encantadora. Não teve ao menos o privilégio de ouvir a sua voz.

– Será que iria apenas passar uma temporada em Lyon e retornaria a Roma? Ou será que ficaria em definitivo com os pais? – pensou.

Embora considerasse a primeira alternativa mais plausível, haja vista que o senhor Louis Bascher tinha dito “passando uma temporada”, René queria acreditar na segunda opção. Precisava conseguir mais informações sobre aquela donzela que tanto lhe encantou.

Ficou dias pensando como se aproximar de Candice, até que conseguiu contato com um dos servos do castelo onde ela morava. Por algumas moedas de ouro, Jean, o empregado de René, conseguiu informações valiosas sobre a jovem senhora e sua família. Soube que sua estadia era temporária e que ela diariamente caminhava em um jardim próximo ao castelo de sua família, sempre pelas manhãs e em companhia de uma serva. Era o momento certo de se aproximar.

O RAPTO DA DONZELA

René, deitado em sua cama no *Château Vasselot*, recordava-se de Candice com um misto de saudosismo e apreensão. Após as informações obtidas com o servo, o astuto negociador começou a montar a estratégia para poder conversar com a donzela.

Nos primeiros dias sondou como eram os passeios de sua amada. Praticamente o itinerário não se alterava. Saíam do castelo por volta das

7h30min e ficavam nos jardins da lateral da fortificação por cerca de duas horas, para, enfim, retornarem.

Ficou imaginando como faria para abordá-la, com a serva ao lado. Começou a arquitetar um plano para que estivesse a sós com a filha de Louis Bascher. Dias se passaram e René finalmente acreditou que sua estratégia poderia ser executada. Para isso contaria com a contribuição de seu fiel escudeiro, Jean, um capataz que estava a seus serviços.

Numa bela manhã ensolarada de quarta-feira, como de costume, Candice e a serva passeavam nos jardins do castelo de Louis Bascher. Tudo estava calmo até que, ao longe, se podia ver cavalos galopando em direção às senhoritas, com homens de máscaras negras. As mulheres ainda tentaram voltar para o castelo, mas não havia mais tempo. Foram gentilmente amordaçadas para não gritarem e colocadas sobre um dos cavalos. Foi inútil tentar resistir. Os cavaleiros de máscaras negras, conduzidos por Jean, seguiram em direção a uma das estradas mais desertas da região.

– Foi um plano audacioso e milimetricamente elaborado, pensou orgulhosamente René. Como se tem coragem quando se é jovem!

Na estrada deserta, os sequestradores retiraram a mordaca de Candice, deixaram-na próximo a uma árvore frondosa, onde ela poderia se abrigar do sol, e partiram com a sua serva. A pobre donzela se encontrava, portanto, sozinha naquela estrada e ainda tinha as mãos amarradas. A jovem senhorita inicialmente começou a gritar por socorro, mas, vendo que seria em vão, sentou-se aos pés da árvore e se pôs a chorar.

Passaram-se os minutos e nenhuma viva alma aparecia no caminho. Meia hora depois, eis que surge no horizonte a figura de um cavaleiro montando um cavalo branco. Estava bem longe e Candice ainda não podia divisar quem era. Ao se aproximar lentamente, ela pôde reconhecer o semblante de René.

– Que coincidência esse cavaleiro passar por aqui – pensou de súbito.

Ao notar a presença de uma jovem debaixo da árvore, o nobre cavaleiro acelerou a marcha para se encontrar com a donzela.

– Senhorita, o que fazes aqui nesta estrada deserta?

– Nobre cavaleiro, fomos raptadas, mas não sei onde está a minha serva. Ao apaar do cavalo, René se aproximou da jovem, que pôde lhe contar exatamente o que acontecera.

– Desgraçados! Prometo que irei investigar e descobrir o paradeiro de sua serva.

– Obrigada, senhor.

– Não precisa de muitos formalismos, senhorita Candice Bascher. Muito prazer, sou René Vasselot – disse ele reverenciando a filha de Louis Bascher. – A propósito, meus pensamentos nunca mais foram os mesmos depois que eu a vi com o seu digníssimo pai.

Candice corou com as palavras do cavaleiro. Havia sentido também algo especial por ele, mas imaginava que não teria sido recíproco. Segundos depois, ao se recompor, ela disse:

– Meu senhor, não fica bem que conversemos a sós aqui.

– A situação é diferente. Foste raptada, irei ajudá-la, mas não posso perder a oportunidade de lhe dizer o encantamento que tenho por ti, desde que lhe conheci.

René descreveu todas as sensações e o interesse que tinha por aquela jovem. Disse, também, que temia que ela fosse embora de Lyon, visto que estava apenas “passando uma temporada” na cidade.

– Infelizmente fortes razões me farão ficar mais tempo – disse a jovem, em prantos.

AS PRIMEIRAS CONVERSAS

René não esperava aquela resposta. Acreditava que sua amada diria que em breve iria embora, e ele estava disposto a ir com ela, se fosse preciso.

– Por quais razões terá que ficar? Para mim, confesso, que é uma boa notícia – disse René, sem se dar conta do motivo.

– Mas para mim não é. Fixaria residência em Lyon de bom grado. A questão é a razão que me faz ficar. É muito triste, disse ela soluçando.

– Perdoe-me senhorita. Não quis deixá-la triste. Não vou importuná-la com esse assunto.

– Tudo bem. A razão é que papai está desenganado pelos médicos. Doutor Clément Solignac realizou o diagnóstico e disse que papai tem uma doença gravíssima e terá poucos meses de vida, disse ela sem se conter, voltando a chorar copiosamente.

René se colocou a consolá-la. Agora entendia por que aquele homem bravo e cruel havia sido amistoso com ele na estrada, no dia em que conheceu Candice.

– A doença amansou a fera – pensou René em seu quarto, ao rememorar tais lembranças.

Seu pensamento voltou novamente ao passado.

– Vou pedir a tua mão em casamento ao teu pai, Candice – disse um confiante René.

– O quê? – assustou-se Candice com a frase do rapaz.

– Aceitas meu pedido?

– Não sei, preciso pensar a respeito. Sabes que não é simples. Papai sempre foi rigoroso, e deves saber que o casamento de minhas irmãs passou pela aprovação dele. Meus cunhados não as conheciam, mas por interesse das famílias, os casamentos foram arranjados.

Candice falava sobre as suas duas irmãs. Um dos desgostos de Louis Bascher foi justamente não ter um herdeiro homem para lhe suceder. Dessa forma, ele via nos genros a possibilidade de tocar seus negócios e sua fortuna após sua partida. Em relação à Candice, o velho fazendeiro já sofreu a primeira metamorfose, principalmente depois da viuvez. Se ele relegou às duas primeiras filhas o papel de donas de casa e de “espera-marido”, com a mais nova foi diferente.

Quando a menina tinha 15 anos, Louis Bascher a mandou para Roma para que estudasse e tivesse contato com uma cultura diferente da francesa.

A preferência da jovem era morar em Londres, mas como os dois países historicamente não tinham bom relacionamento, o fazendeiro preferiu a escola italiana, também devido à proximidade da Santa Sé.

Deu certo. Sua caçula, que na verdade era seu xodó, tornou-se uma jovem letrada, com ótimos conhecimentos, extremamente hábil ao tocar piano e com desempenho notável na alta sociedade. Nos bailes romanos aquela senhorita já despertava paixões nos salões.

René estendeu a mão para Candice e a levantou, colocando-a em cima de seu cavalo. Partiram dali e ao se aproximarem do castelo de seu pai, disse-lhe:

– Candice, preciso vê-la novamente!

– Todas as manhãs passeio com minha criada. Oh, minha criada, onde estás?

Mal terminou de dizer estas palavras, podia ver ao longe a serviçal, que veio correndo ao seu encontro.

– Senhora, estávamos preocupados com a sua ausência. Graças a Deus que estás bem.

– Como retornou?

– Não sei senhora. Após nos separarem, eles colocaram uma venda em meus olhos e depois de alguns minutos me trouxeram de volta. Deixaram-me a cerca de um quilômetro do castelo, quando tiveram certeza de que ninguém os avistava, disse a serva de Candice.

René ouviu tudo atentamente e, em seu íntimo, estava satisfeito com a eficiência de Jean e dos demais. Tudo tinha saído conforme ele havia planejado. Alguns minutos depois, apareceu Louis Bascher, já aflito com a ausência de sua filha. Deu-lhe um forte abraço e perguntou-lhe sobre os acontecimentos do dia.

– Fui agraciada pela sorte, papai. Após os terríveis cavaleiros mascarados me deixarem naquela estrada deserta, graças à Providência Divina o senhor René passou minutos depois.

– Senhor, estava voltando de uma de minhas propriedades e pude encontrar a senhorita Candice Bascher perdida na estrada. Agradeço aos céus que eu tenha passado primeiro do que um assaltante.

Louis Bascher estava aliviado com a notícia. Convidou o visitante a entrar no castelo, o que foi prontamente aceito por René.

O PEDIDO DE CASAMENTO

René sentia que havia conquistado a confiança do cruel e enfermo Louis Bascher. Naquela tarde conversou por horas com o patriarca e foi convidado a retornar ao castelo, o que ele, com muito gosto, acenou positivamente.

O astuto negociador voltou triunfante ao seu castelo. Conversou demoradamente com o seu pai e lhe informou o desejo de se casar com Candice. O senhor Aaron Vasselot, pai de René, inicialmente se mostrou contrário à ideia, pois conhecia a fama de crueldade do pai da jovem, mas quando seu filho relatou os problemas de saúde do velho fazendeiro e toda a história que havia acontecido, ele consentiu.

Logicamente, René omitiu de seu pai que tramara o sequestro das mulheres para que ele pudesse, a sós, conversar com Candice.

– Papai não precisava saber disso. Se ele soubesse não aprovaria meus métodos e certamente iria ser contra o casamento. Foi uma pequena mentira, mas que era importante naquele momento – recordou-se o adulto René em seu castelo.

Dias depois, René se aproximou de Candice em um dos seus passeios ao jardim do castelo, aproveitando-se que, temporariamente, a serva estava mais afastada. No entanto, percebeu que ao longe dois servos os viam.

– O que faz aqui, René? Não vê que é arriscado vir me ver? Depois do acontecido, papai colocou dois vigias para tomarem conta de mim. Pode vê-los ao longe! Não pode ficar aqui, volte! – disse ela energicamente.

– Daqui a alguns dias virei ao castelo pedir a sua mão em casamento.

– Por favor, vá embora!

– Antes de ir quero que guarde isso, disse ele colocando a mão no bolso e entregando a metade de uma peça.

A peça era como se fosse um grande medalhão, no qual se podia ver inscritas três letras em sua superfície. O medalhão estava dividido em duas partes, que se uniam por meio de um encaixe. René as separou e pôde-se ver perfeitamente o formato de duas luas. Entregou para Candice a “lua minguante”, que tinha duas letras gravadas na superfície, e ficou com a “lua crescente”, que continha apenas a letra “R”.

– São as iniciais do meu nome. Fiz este medalhão alguns anos atrás para que um dia entregasse à dona do meu coração. Nunca o mostrei a ninguém, nem meu pai sabe de sua existência. Ficarei com a metade “lua crescente” e você ficará com a metade “lua minguante” – disse o jovem René. E como em cada parte da peça havia uma pequena argola, René passou uma corrente nela e colocou em seu pescoço. – Andará comigo por toda a parte, até que eu me una contigo. – Ao dizer isso, partiu em seu cavalo.

Os olhos de Candice brilharam ao ver a metade daquele medalhão. Estava acostumada com os cortejos feitos pelos moços de Roma, mas aquele jovem de Lyon a surpreendia a cada encontro. Além disso, graças a ele conseguiu retornar para casa, depois do terrível incidente do rapto. Com a cabeça meneou afirmativamente, e o cavaleiro se retirou em seguida.

Naturalmente Louis Bascher ficou sabendo da ida de René ao jardim e que ele havia conversado com sua filha. Seus servos tinham ordens expressas para comunicar qualquer irregularidade que ocorresse. O velho senhor, no entanto, em seu íntimo achou interessante aquela aproximação entre os dois jovens.

Dias depois Louis Bascher foi surpreendido com a visita de René, acompanhado de seu pai Aaron Vasselot.

– Senhor Aaron Vasselot, quanta honra recebê-lo em minha casa! – disse o velho Louis Bascher, em tom pouco habitual para quem sempre fora

conhecido pela crueldade e pelas relações pouco amistosas com os demais habitantes de Lyon.

– A honra é minha, senhor Louis Bascher. Uma grande satisfação poder vê-lo.

– Vejo que trazes o filho, o jovem René Vasselot. Devo agradecer-lhe a devolução de minha filha após o seu rapto por bandidos cruéis.

René fez um sinal com a cabeça, em agradecimento pelas palavras do velho senhor. O nervosismo do jovem era evidente. Estava para fazer o pedido mais importante de sua vida, até aquele momento.

O anfitrião chamou alguns empregados para que servissem bebidas e comidas aos visitantes. Após algumas conversas inerentes às plantações das propriedades de ambos os fazendeiros, coube a Aaron Vasselot tomar a palavra e dizer ao dono da casa:

– Bem sabes, senhor Louis Bascher, que René é meu braço direito. Criei meu filho com muita responsabilidade, e de um tempo para cá ele praticamente assumiu os negócios da família. Seu jeito destemido e seu tino comercial foram fatores fundamentais para que pudesse me substituir nas fazendas. Este velho não tem mais a força de antes.

– Entendo perfeitamente, amigo Aaron Vasselot. A Providência Divina me contemplou apenas com três belas moças, duas das quais já casadas. Não tive a oportunidade de ter um filho varão. E também já me aproximo dos momentos derradeiros, e em breve devo partir desse mundo.

– Não diga isso, senhor Louis Bascher. Vejo que está muito bem – retrucou Aaron, mesmo sabendo do delicado estado de saúde daquele senhor.

– Agradeço as palavras do amigo, mas a verdade é que nos últimos meses tenho feito tratamento de saúde. Doutor Clément Solignac, nosso médico, explicou-nos a situação e, infelizmente, é grave. Tenho poucos meses de vida, por isso trouxe para perto de mim todas as filhas, inclusive Candice, que era a única que morava fora de Lyon.

– Sinto muito, amigo fazendeiro. A propósito, senhor Louis. É justamente sobre Candice que venho lhe falar – disse Aaron. E chamando René, que estava na antessala ao lado, disse ao anfitrião:

– Meu filho, René, é jovem, já assume as responsabilidades de meus negócios e minha expectativa é que ele, em breve, constitua uma família. É meu filho único e ainda acalento na alma o desejo de ter netos.

– Ah, sim, netos. Minhas duas filhas mais velhas me proporcionaram essa benção. Tenho cinco netos, sendo três da filha mais velha e dois da outra. São tesouros que vêm aplacar a dor da velhice. Certamente seu filho lhe proporcionará essa felicidade.

– Sim, é meu desejo. E ao aproximar René da conversa, disse ao anfitrião:

– Meu filho está apaixonado por sua filha Candice. Ele deseja pedir a mão dela em casamento.

O velho Louis arregalou os olhos, fingindo surpresa com a notícia. Na verdade, ao saber da ida de René dias antes para encontrar com sua filha, o fazendeiro já imaginou que poderia haver um interesse mútuo. Por outro lado, também conjecturava que poderia ser apenas uma visita casual do jovem, preocupado com a integridade física de sua filha.

Ficou pensativo por alguns minutos. Olhou para Aaron, e depois fixamente para o jovem René, e disse-lhe:

– E o que tens a me dizer sobre isso, jovem René? É apenas interesse de seu pai em formar esse casal, ou realmente de sua parte deseja se casar?

– Sim, senhor, desejo me casar com Candice. Desde a primeira vez que a vi me apaixonei por ela.

– Muito bem. Irei levar em consideração o interesse de ambos. Peço que voltem daqui a uma semana para conversarmos sobre o assunto. Necessito refletir, e lhes darei uma resposta.

Ambos os visitantes consentiram, e partiram do castelo. Com a saída deles, Candice foi chamada à presença de seu pai, que lhe comunicou o teor da conversa. A jovem senhorita ficou corada ao ouvir a notícia do pedido de casamento, e quando foi inquirida por seu pai a respeito, ela manifestou interesse no enlace.

O VEREDICTO FINAL

Solicitar um tempo para que o pai pensasse na proposta de casamento era uma prática comum entre as famílias mais tradicionais. Em muitos casos isso ocorria principalmente para que o pai da noiva pudesse estabelecer o valor do dote a ser dado à família do noivo, pela concretização do matrimônio.

Conforme combinado, uma semana depois pai e filho seguiram rumo ao castelo da família de Louis Bascher. René estava cheio de esperança de que pudesse obter o consentimento do velho fazendeiro. Ao chegar, foram recepcionados por um servo, que os mandou adentrar no castelo.

– Que alegria poder revê-los, amigos. Este pobre velho doente quase não recebe visitas.

– Feliz estamos nós, senhor Louis, em poder estar em vossa presença.

– Bem... não irei fazer rodeios. Temos um assunto para tratar, disse o anfitrião, mandando chamar Candice.

A jovem de 18 anos entrou, em seguida, no recinto. Ela cumprimentou com a cabeça os visitantes, beijou a mão de seu pai e permaneceu cabisbaixa.

– Como devem saber, minha família Candice, diferentemente de minhas outras filhas, foi enviada para estudar em Roma. Obteve muito conhecimento na capital italiana, é letrada na ciência, exímia pianista e lá participou de muitos eventos sociais, bem como de eventos religiosos do Vaticano. Considero esta minha filha o maior bem que possuo.

Candice ficou muito feliz em ouvir as palavras de seu pai, e seu coração pulsava de felicidade. René, que naquela época contava com apenas 19 anos, também estava agitado e ansioso para o veredicto final de seu possível sogro.

– Talvez os jovens aqui presentes não saibam, mas nossas famílias foram rivais em épocas remotas. Muitas discussões ocorreram entre nossos antepassados e principalmente entre nossos pais. Lembra-se senhor Aaron? – perguntou o anfitrião.

– É verdade, senhor Louis. Nossas famílias têm um histórico grande de conflito – disse Aaron, olhando para René.

– Nós também chegamos a ter alguns atritos em nossa mocidade, no entanto, foi mais pela influência de nossos pais. Depois, quando já estávamos em meia-idade deixamos de lado os conflitos, embora nunca tivéssemos uma sólida amizade.

– Sim, é verdade – limitou-se a dizer essas palavras, Aaron.

– Contudo, eis que o destino vem querer aproximar nossas famílias, algo que certamente nossos antepassados não aprovariam. Todavia, os tempos são outros, eu mesmo precisei mudar um pouco devido à doença que estou enfrentando.

Aaron e René entreolharam-se. Havia uma dúvida no ar. Será que o dono da casa aprovaria aquele casamento? Candice, por sua vez, permanecia cabisbaixa e ouvia atentamente a conversa.

Depois de alguns minutos de silêncio, não se sabe se pelo desejo de Louis de fazer suspense e deixar os presentes ansiosos, ou se devido à sua condição física, que se tornava cada vez mais debilitada, o velho fazendeiro foi até uma cômoda e retirou um papel, entregando-o nas mãos de Aaron Vasselot.

– Eis aí os termos do contrato.

René estava radiante de felicidade. Seu pai recebeu o papel, e também manifestava sua alegria, pois certamente ele atestava o consentimento do pai ao casamento de sua filha. No entanto, o semblante de Aaron foi ficando mais sério à medida que ele lia o documento. O mesmo aconteceu com o jovem René, que foi percebendo que algo estava errado.

Ao acabar de ler o contrato, virou-se para Louis e disse:

– Mas é um contrato futuro? – perguntou o pai de René.

– Sim, concedo a mão de minha filha Candice em casamento, mas não agora. Neste documento há informações sobre o dote devido à família do noivo e as condições expressas para o casamento. Candice não casará enquanto eu for vivo, ou até que eu melhore totalmente. Estou enfermo e a sua companhia será importante nestes meus últimos dias de vida.

– Senhor...

René tentou dizer algo, sendo contido pelo próprio pai.

– Não interrompas o senhor Louis Bascher, René – disse bravo.

– Perdão senhor.

Louis Bascher sentou novamente na cadeira, tomou um gole de água com um pedaço de pão e continuou seu discurso:

– Ah, essa juventude. Nossos impulsos ficam à flor da pele. Imagino que o jovem René proporia algo do tipo vir morar aqui em meu castelo, no entanto, uma mulher casada precisa se dedicar integralmente ao marido, e não prestar assistência a um velho pai enfermo – disse Louis, olhando para Candice. – Não é filha?

Com a menção ao nome de Candice, ela estava formalmente autorizada a responder.

– Sim, papai tem razão. Preciso dedicar-lhe todos os esforços para que possa se recuperar logo.

Louis esboçou uma risada, mas foi contido pela tosse que o acompanhava há dias.

– Minha filha, a verdade é nua e crua. Tenho pouco tempo de vida. Ouvistes o Doutor Clément Solignac, não há saída para o meu caso.

– Mas papai, eu acredito em milagres. Há de se recuperar logo.

– Sim, senhor Louis Bascher, sua filha tem razão. Há inúmeros casos de pessoas que se recuperam de suas enfermidades. Vamos confiar na Providência Divina – disse o pai de René.

– Que assim seja, amigos. No entanto, o casamento se realizará apenas após a minha morte ou, como queiram, após o restabelecimento total de minha saúde, o que é altamente improvável – disse o dono da casa, agora sim conseguindo rir de forma irônica, principalmente pelo dito no final da frase.

René estava inconformado, mas o olhar de reprovação de seu pai fez com que mudasse seu semblante.

– Entendemos suas razões, senhor Louis Bascher, e estamos de acordo. A saúde de V. Sa. é o mais importante nesse momento. René esperará o tempo que for necessário para que o senhor consiga se recuperar...

– Ou então que eu morra, completou o anfitrião.

Logicamente nenhum dos presentes queria concordar com a possibilidade de falecimento de Louis, até por uma questão humanitária, embora fosse a alternativa mais plausível. Tudo parecia que estava definido, até que Aaron Vasselot tocou em um assunto.

– Entendemos a situação senhor Louis Bascher, no entanto, é necessário privar meu filho de se encontrar com a sua filha?

Candice, que estava sentada em um canto da sala, arregalou os olhos de surpresa. René se empalideceu. Mesmo a contragosto entendia a necessidade imposta por seu futuro sogro de postergar o casamento até a sua completa recuperação, ou então após o seu falecimento. Todavia, impedir que ambos se encontrassem, qual a razão?

– Meus caros amigos. Vocês sabem tão bem como eu que as nossas famílias foram historicamente rivais. Isso é de conhecimento de toda a Lyon e região. Imaginem que meu calvário demore mais tempo do que prevemos. Como ficaria a honra de minha família com toda a sociedade sabendo que seu pretendente vem periodicamente a essa casa e não a desposa?

Ao relembrar as palavras do velho fazendeiro, René, em seu quarto no *Château Vasselot*, voltou a sentir raiva e exclamou:

– Mesmo a doença não mudou completamente aquele velho. Ainda restou sombras de egoísmo, e se ele não tivesse tomado aquela atitude talvez eu tivesse me casado com Candice.

Aaron, embora não concordando totalmente com as palavras daquele senhor, balançou afirmativamente a cabeça. René, por sua vez, estava visivelmente contrariado.

– Mas então a sociedade de Lyon somente se dará conta do casamento após a resolução dessa situação? – rompeu o silêncio Aaron.

– Exatamente. No entanto, eles terão oportunidade de se verem, apenas como amigos, em bailes e também nas missas celebradas na Catedral de Lyon. Poderão trocar breves palavras nessas ocasiões, não mais que isso – disse Louis. E virando-se para René, em tom mais formal, perguntou-lhe:

– O senhor é católico? Participa das missas?

– Sim, senhor.

Não era totalmente verdade. René era católico de nascimento, havia sido batizado, mas não frequentava a igreja há tempos.

– Passei a ter bons motivos para ir lá, pensou René em seu quarto.

Mas naquela hora o veredicto de Louis não agradou a René. O jovem de 19 anos estava visivelmente infeliz com a resolução de seu futuro sogro, mas para seu pai a decisão estava tomada e não havia nada mais que tratar. O pai de René disse algumas palavras ao anfitrião e levantou-se, ao que foi interrompido bruscamente pelo dono da casa.

– Um momento senhor Aaron. O senhor leu todo o contrato?

Um pouco encabulado com a pergunta, Aaron sentou-se novamente e pegou o papel que estava em cima da mesa.

– Por favor, leia em voz alta a parte final, disse Louis.

– Em caso de falecimento do digníssimo senhor Louis Bascher, este contrato poderá entrar em vigor. O finado aprova e abençoa o casamento de sua filha Candice Bascher com René Vasselot e designa o dote estipulado ao final deste documento. O casamento, no entanto, dependerá da concordância de René Vasselot. Ainda sem entender a razão, Aaron virou-se para o velho enfermo e lhe disse:

– Sim, eu havia lido, mas não encontrei nenhum problema nisso.

– Sim, mas leia até o final.

– Ah sim, perdoe-me – disse Aaron, e ajeitando novamente seus óculos acabou de ler o documento – Dependerá também da concordância de Candice Bascher.

A frase estava bem ao final do papel e parece que, de propósito, havia sido escrita em letras menores. Candice ficou extremamente surpresa com

aquele fato. Era muito incomum que se prestasse algum tipo de concessão às mulheres daquela época. Seu pai, apesar de todos os defeitos – e eram muitos – havia deixado uma “porta aberta” para o caso da filha resolver se afastar do compromisso firmado.

Louis havia criado Candice de forma diferente das demais filhas. Tinha dado a ela a oportunidade de morar fora da França e de ter maior autonomia em sua vida, embora ainda se mantivesse presa à obediência que as mulheres da época tinham que prestar. Aquela rara concessão talvez mostrasse que, no íntimo, Louis Bascher acreditasse que os rumos da vida da filha poderiam mudar, caso ela assim entendesse.

Era, de fato, um contrato futuro e que possuía riscos. O risco era que alguma das partes desistisse. Todavia, essa era a questão que, no momento, menos incomodava Aaron e René, pois eles julgavam que a hipótese de desistência do futuro casal era muito remota. Também entendiam a necessidade da presença de Candice no tratamento do pai, que certamente não iria durar muito tempo.

O grande empecilho, no entanto, era o fato de os dois não poderem se encontrar como noivos. Mas não havia mais o que fazer. Era aceitar o contrato naqueles termos ou desistir do futuro casamento. Com as assinaturas realizadas, pai e filho se retiraram do castelo.

A BEBEDEIRA NA TABERNA

– Creio que ele não durará muito, filho. O ideal seria que ele se recuperasse e abençoasse pessoalmente o casamento de vocês – disse Aaron, já em sua residência.

– Sim, pai, estou de acordo. Mas espero que não demore muito.

– Conversei em segredo com o Doutor Clément e ele me confidenciou que a situação é grave. Dificilmente Louis Bascher passará de seis meses de vida.

René ficou mais tranquilo com aquelas palavras. Como estava proibido de visitar Candice em seu jardim, decidiu frequentar periodicamente a Catedral de Lyon. Raríssimas vezes via sua amada, e quase sempre ela estava com diversas companhias da família, como suas irmãs e seus cunhados. Era praticamente impossível ter uma conversa a sós e demorada com ela.

O tempo passava e Louis Bascher alternava entre melhoras consideráveis na saúde e estados quase terminais. Os seis meses de previsão do médico se passaram e o velho fazendeiro continuava de pé. A paciência de René se esgotava a cada dia.

Antes do compromisso firmado com a família de Candice, René era frequentador assíduo de uma taberna nos arredores de Lyon. Até os 18 anos sua vida se dividia entre os compromissos do trabalho nas propriedades do pai e as noitadas em companhia dos amigos, regadas a muita bebida, danças e mulheres, inclusive com algumas aventuras com prostitutas. O pai de René, certa feita, reprovou as atitudes do filho, mas como elas não comprometiam os afazeres do trabalho, achou melhor deixá-lo viver a sua vida de moço.

– Também tive a minha fase na juventude. Agora é a vez dele. Que aproveite a vida de mocidade – pensou certa vez Aaron.

Após conhecer Candice sua vida social se modificou radicalmente. Sempre recusava os convites dos amigos para as frequentes bebedeiras nas tabernas. Sua vida limitava-se tão somente ao trabalho nas propriedades e às idas ocasionais à igreja, com a expectativa de ver Candice.

Nos primeiros meses René conseguiu resistir bravamente às investidas dos amigos, mas o tempo passava e nada do seu casamento se concretizar. A um dos amigos mais próximos, confidenciou o acordo que havia sido feito com o senhor Louis Bascher.

– Aquele velho cruel e sovina não vai morrer nunca, René. Já viu vaso ruim quebrar? Estás perdendo a juventude e a possibilidade de aproveitar a

vida. Você vive trabalhando há meses. Precisa sair, voltar ao convívio dos seus amigos e se embriagar – disse um dos amigos.

– A minha vida agora pertence à minha amada, tenho um compromisso com ela, disse René.

– Mas você mesmo acabou de me dizer que há uma cláusula no documento que diz que ela pode desistir do compromisso depois que o pai dela falecer. Imagine que o velho ainda viva anos a fio e que ela depois desista do casamento. Terás perdido todo este tempo, meu amigo.

René ficou pensativo, mas decidiu não sair naquele dia. Todavia, prometeu reconsiderar sua atitude posteriormente. E assim se passaram mais três meses, e a saúde de Louis Bascher alternava entre a boa recuperação e as situações de debilidade física.

Depois de muita insistência dos amigos, René finalmente cedeu, e em uma noite acompanhou seus colegas a uma taberna da região. A mesma que frequentavam antigamente. Ao chegar ao local, “amigos de copo” de outras regiões rapidamente reconheceram a figura ausente de René.

– Vejam o temos aqui. O nosso companheiro René, depois de um longo tempo, retornou ao convívio dos seus pobres amigos de Lyon e região. Faço questão de lhe pagar uma bebida – disse um deles.

– Achei que tivesse se casado. O que uma mulher não faz na vida de uma pessoa. Deixa-o longe da bebida e dos amigos – disse um deles visivelmente embriagado e em voz alta.

– Não, não me casei. Estive ausente devido ao trabalho e às viagens que realizei, disse René, olhando para seu amigo, como quem diz “sustenta a minha mentira, por favor”.

– Então seja bem-vindo – disseram todos.

René se divertiu bastante naquela noite. Alguns presentes aproveitavam para jogar cartas em uma mesa do recinto, enquanto outros competiam para ver quem bebia mais vinho. O amigo de René estava com uma prostituta, e lhe disse no meio da madrugada.

– Amigo René, não irei voltar com você. Tenho um pequeno serviço a fazer, disse ele sem a menor cerimônia.

– Sim, claro. Não se preocupe comigo. Pegarei o cavalo e estarei de partida em seguida. Beberei mais um pouco com os amigos antes de o dia clarear.

– Pois deveria seguir o meu exemplo. Há outras mulheres aqui na taberna. Não precisa voltar para Lyon hoje. Amanhã é domingo, e não precisar trabalhar na propriedade do seu pai.

– Pensarei no caso, disse René já embriagado e com um aceno se despedindo do seu amigo que cruzava a porta de saída.

René pediu mais um copo de vinho. “Pensarei no caso”, repetia mentalmente aquela frase. Seus sentidos já estavam comprometidos àquela hora e seu olhar começou a repassar os recantos da taberna. Havia muitas mulheres ali. Algumas delas se aproximaram dele e de seus amigos com o objetivo de oferecer seus “serviços”. Ao mesmo tempo em que ele pensava na possibilidade, em seguida já refutava. Após algumas horas, o jovem proprietário de terras de Lyon resolveu ir embora. Pagou as bebidas, despediu-se dos amigos, que lhe suplicavam para ficar, e alcançou a porta de saída. Subiu em seu cavalo e seguiu caminho pela noite adentro. A cavalgada pela madrugada até Lyon demoraria cerca de duas horas. Alguns minutos depois passou perto de um povoado, cujas casas ficavam bem distantes umas das outras.

Era por volta das 5 horas da manhã. De longe, René viu que uma jovem de uns 17 anos estava cuidando das galinhas e depois foi regar algumas plantas próximo ao pomar de uma casa. Ele desceu do cavalo e sorrateiramente se aproximou. Era uma jovem camponesa muito bonita. Sentiu forte atração física por ela. Ao se aproximar mais dela, tapou sua boca e a levou para longe da casa. Houve muita resistência por parte dela, mas ao final ele conseguiu consumir o ato. René violentou sexualmente aquela jovem.

Após a concretização de seu desejo sexual, René deixou a garota estirada no chão, praticamente desfalecida, e saiu correndo em direção ao cavalo. Por estar muito alcoolizado e também devido à resistência da jovem,

ele não havia percebido que o colar com a metade “lua crescente” de seu medalhão havia se desprendido e ficado no chão, próximo ao corpo estendido da mulher.

Saiu em disparada e sem olhar para trás. E a sua vítima ficou ali, deitada e humilhada com o ato covarde que ele havia praticado.

UMA DRÁSTICA DECISÃO

Pouco mais de uma hora depois do acontecido, René chegava à sua residência. Ainda alcoolizado e parcialmente feliz pela noite e pelo ato sexual realizado, o jovem desceu do cavalo, banhou-se rapidamente no rio próximo ao castelo onde morava e foi dormir.

Naquele dia, à tarde, o jovem filho de Aaron acordava ainda com sintomas de ressaca alcoólica, devido à ingestão de bebida na noite anterior. Seus pensamentos logo lhe recordaram o ato que havia praticado. Se inicialmente ele se assustou com o acontecido, depois de rever suas memórias ficou mais tranquilo e ainda pensou:

– Era apenas uma camponesa.

No século XVIII o machismo imperava, e os homens enxergavam as mulheres como meros objetos de seu prazer, além de provedoras dos filhos que deveriam herdar as suas posses e riquezas. René compartilhava igualmente desse pensamento e, no seu entendimento, o ato praticado com uma humilde camponesa não representava um crime, como é considerado nos tempos atuais. A punição para tais atos não existia naquela sociedade, principalmente quando a vítima era de uma classe social mais pobre. Havia grande tolerância da justiça e da própria sociedade para os casos de estupro.

Por ser filho de um nobre da região e ter riquezas, René acreditava que nenhum crime lhe seria imputado por ter praticado o ato contra uma simples

camponesa. Ele acreditava, também, que aquela jovem jamais daria conta que ele era o seu agressor.

E assim se passaram os meses. René continuava frequentando as tabernas, mas, por precaução, pegava estradas diferentes daquela da noite do estupro. “Não quero ser identificado” – pensava. E, para seu aborrecimento, Louis Bascher continuava vivo, embora estivesse com a saúde cada vez mais debilitada.

– Esse velho não morre – pensou ele uma vez.

Um dia, René chamou seu capataz para lhe dar ordens a respeito dos empregados e servos de suas propriedades. Jean, que era apenas três anos mais velho que René, era um servo fiel e cumpria suas ordens com maestria. Um exemplo foi no episódio do rapto de Candice Bascher e de sua serva, quase um ano atrás.

– Jean sempre foi meu cúmplice nessas empreitadas – pensou René, ao retornar seus pensamentos para o presente, em seu quarto no *Château Vasselot*.

Com os pensamentos novamente no passado, René se recordou das ordens dadas ao seu servo. Quando este estava para sair do recinto, chamou-lhe de volta e disse-lhe:

– Caro Jean, tem prestado valiosos serviços à nossa família.

– É meu dever, senhor. Agradeço a oportunidade de lhes servir.

– Tivestes uma atuação impecável no episódio do rapto de Candice Bascher e sua serva. Agradeço a discrição que sempre teve em relação a esse assunto.

– O senhor sabe que pode contar com meus serviços e com minha máxima discrição. Estou aqui para ajudar-lhe.

Realmente Jean era mais que um capataz. Dotado de grande inteligência e força física, aquele servo tinha grandes habilidades, mas, ao mesmo tempo, era cruel e vingativo, além de muito ambicioso. René já havia percebido que ele tinha grandes ambições financeiras e procurou se aproveitar desse fato. Contou-lhe a respeito do contrato realizado por seu pai e Louis Bascher e da

sua angústia por não haver tido, até aquele momento, uma solução satisfatória para que ele, enfim, pudesse se casar com Candice.

Atento a tudo o que ouvia, o servo ficou alguns minutos em silêncio e depois respondeu sem a menor cerimônia:

– O senhor não acha que deveríamos abreviar o sofrimento do senhor Louis Bascher? Ele está há quase um ano nesse tratamento e já foi desenganado pelos médicos.

René arregalou os olhos com o que dissera seu servo. Inicialmente esboçou total reprovação com aquele comentário.

– O senhor me desculpe o atrevimento. Apenas pensei que poderia ser uma forma de resolver a questão. Posso tentar ajudar-lhe se quiser.

A primeira reação de René foi discutir com o servo e dizer para ele nunca mais tocar no assunto. Todavia, minutos depois disse simplesmente:

– Obrigado, Jean. Vá e cumpra as ordens que lhe dei. Pensarei a respeito de sua proposta.

Com a saída de Jean do recinto, os pensamentos de René voltaram-se para o castelo de Candice e para o enfermo Louis Bascher. Ficou pensando o quanto a vida daquele senhor estava atrasando sua felicidade. Por outro lado, lembrava-se que ele era o pai de Candice e que ela o amava. Mas a situação já estava insustentável para ele. Já havia passado quase um ano e Louis Bascher não havia morrido. Semanas depois daquela conversa com o servo, René chamou Jean e lhe disse:

– Preciso que faça um trabalho para mim – disse ele mostrando uma bolsa repleta de moedas de ouro. – Qual a sua proposta em relação àquele assunto? Estou disposto a recompensá-lo bem, em caso de sucesso.

Os olhos de Jean brilharam ao ouvir o barulho das moedas de ouro. O servo olhou para os lados, para ter certeza que ninguém ouvia aquela conversa, e disse ao mestre:

– Senhor, eis aqui um servo que está para lhe ajudar. Após a nossa conversa fiquei pensando como resolver a situação. Fiz alguns contatos, mas fiquei tranquilo, pois são de confiança. De maneira alguma chegarão até nós.

Um conhecido meu tem um amigo em comum com uma serva do castelo de Louis Bascher. Essa serva está há décadas no castelo e, pelo que sei, detesta o seu amo, pois durante muito tempo ele foi cruel com os empregados. Apenas com a doença que o velho se tornou um pouco mais humano para com todos do castelo. Creio que remunerando bem a todos eles, conseguiremos que ela faça o serviço para nós. Eis aqui um “pó mágico” que pode dar cabo da vida daquele senhor.

– Veneno?

– Sim, pode ser misturado na água que ele bebe pela manhã. As garrafas ficam próximas a algumas ervas medicinais – disse Jean. E continuou falando:

– Como o velho está moribundo, todos esperam que ele vá morrer de uma hora para outra. Ninguém desconfiará de sua morte. Na realidade iremos aliviar o sofrimento daquela pobre criatura – falou Jean, tentando amenizar o crime que queria praticar.

– E de quanto e do que precisaremos?

– Precisaremos comprar o silêncio de algumas pessoas: do meu amigo, do amigo em comum com a serva, e da própria serva. Além de mim, que conduzirei todo esse processo – disse com frieza e firmeza o servo Jean.

– De acordo! – respondeu René, triunfante.

René e Jean ficaram alguns minutos mais negociando os valores necessários para a empreitada que seria realizada. Jean explicou os passos que seriam dados para que tudo ocorresse com sucesso e não despertasse nenhuma suspeita.

O ENVENENAMENTO

Semanas depois a serva de Louis Bascher se encontrou com Jean, em uma casa do povoado. Este lhe deu um pequeno frasco com o veneno para que colocasse na água que seria bebida por seu patrão. Jean repetiu inúmeras

vezes o procedimento que deveria realizar para que tudo saísse conforme o combinado. Ao apresentar o valor que a serva receberia, ela se mostrou extremamente satisfeita.

– No entanto, receberás apenas vinte por cento do valor agora. O restante somente após a conclusão do trabalho.

– Sim, senhor. Farei tudo conforme foi recomendado.

De acordo com a instrução recebida, a serva deveria esperar a ocasião mais propícia para efetuar o crime. Alguns dias se passaram até que ela teve a oportunidade tão esperada. Em um dia ensolarado, a família resolveu dar um passeio com o enfermo nos arredores do castelo, não somente no jardim como fazia periodicamente Candice. A maioria dos servos acompanhou os familiares, pois após o rapto da filha de Louis Bascher todos estavam preocupados com a segurança.

Ficaram poucos servos e empregados no castelo, sendo um deles a cúmplice de Jean. Naquele dia ela tinha sido designada para fazer a faxina dos cômodos do castelo. Limpou as salas, o salão central e os quartos. Ao chegar ao quarto do enfermo, viu que havia uma mesa com remédios e garrafas com água. Tratou imediatamente de despejar o pó venenoso em uma delas, e saiu rapidamente do quarto. A serva não utilizou todo o conteúdo, pois sabia que alguém, por algum motivo, poderia despejar a água das garrafas e trocá-la por outra.

Passaram-se dois dias e parecia que o plano não havia surtido efeito. Até que no terceiro dia, pela manhã, ouviu-se um grito vindo do quarto do enfermo. Louis Bascher, aparentemente, estava morto.

– Papai não acorda! – gritou desesperada Candice para uma de suas irmãs que tinha passado a noite no castelo.

Imediatamente comunicaram o fato ao Doutor Clément Solignac, solicitando a sua presença. Não demorou e o médico adentrou no castelo e foi direto para o quarto do falecido. Após examinar seu paciente, deu o parecer:

– Infelizmente, minhas caras, tenho que lhes dizer que seu pai veio a óbito. Depois de mais de um ano de luta contra essa terrível doença, agora o senhor Louis Bascher descansou.

As filhas do velho enfermo choraram copiosamente. Foram consoladas pelos cunhados de Candice e também pelo médico. Não havia mais o que fazer. Agora era hora de preparar o funeral daquele senhor que, provavelmente, havia falecido durante a madrugada.

– Sim, Doutor. Faremos o funeral aqui mesmo no castelo, no salão principal. E temos uma área reservada nesta propriedade, que é o mausoléu da família, onde o corpo será depositado – falou ao médico, em tom baixo, um dos cunhados de Candice.

Após fazer as últimas recomendações, Doutor Clément prometeu voltar horas depois para ajudar-lhes com os procedimentos do funeral. Ele precisava resolver algumas questões burocráticas em que estava envolvido e também atender a um paciente no consultório, então ele aproveitaria para expedir o atestado de óbito, informando as características da morte de seu paciente. Despediu-se de todos, e ao sair do quarto olhou de relance para a mesa das ervas medicinais. Viu próximo a uma das garrafas um pouco de pó preto, o que lhe deixou cismado. A fim de não chamar atenção dos presentes, disse-lhes:

– Para fazer o laudo final e emitir o atestado de óbito, preciso recolher algumas amostras das ervas medicinais utilizadas por seu pai. Importam-se que eu leve este material? – perguntou o médico, apontando para a mesa. – Eu o trarei de volta em seguida.

Como todos ali no quarto eram leigos em medicina, nenhum deles estranhou a atitude do médico. Consideravam, como o próprio disse, que fazia parte de seu trabalho. Com muita habilidade e com cuidado para que ninguém visse, Doutor Clément recolheu em um pequeno frasco a quantidade de pó que havia sobre aquela mesa. Para não chamar atenção, recolheu também as ervas medicinais, bem como as garrafas de água. Após tudo devidamente guardado em sua maleta, o médico se despediu e saiu do castelo.

O FUNERAL DE LOUIS BASCHER

“Pode não ser nada. Pode ser apenas um pó de poeira do quarto”, pensava Doutor Clément. No entanto, com sua larga experiência em medicina, o médico já havia visto todos os casos possíveis de morte, inclusive por envenenamento. “É minha obrigação averiguar”.

Após o almoço Doutor Clément foi para seu consultório, onde um paciente lhe esperava. Pela manhã ele havia interrompido bruscamente aquele atendimento para responder ao chamado dos familiares de Louis Bascher. Portanto ele remarcou a consulta para a parte da tarde. Cuidadosamente guardou a maleta com os materiais do finado pai de Candice. Ele sabia que durante o dia não teria como analisar detalhadamente o material coletado. Talvez conseguisse à noite, ou no outro dia pela manhã.

Poucas horas após o falecimento de Louis Bascher toda a cidade de Lyon já tinha sido informada. Os boatos correram a região, e os comentários mais maldosos diziam respeito às atitudes cruéis e sovinas do velho falecido. Não era esperada a presença de muitas pessoas no sepultamento daquele fazendeiro, a não ser as pessoas da alta sociedade de Lyon e seus familiares.

René foi informado por um empregado. Esboçou uma fingida tristeza com o acontecido, e logo foi dar a notícia para seu pai, Aaron.

– Que Deus tenha a alma daquele pobre homem. Sei que não foi nada bom com os empregados e servos, e mesmo com algumas pessoas da sociedade. Seu jeito inescrupuloso na mocidade e na idade adulta lhe conferiu aspectos sombrios, por isso era detestado por muita gente. Há de reparar seu erro no purgatório – falou o pai de René.

– Creio que agora conseguirei desposar Candice – disse despreziosamente René.

– Meu filho, o finado pai dela ainda está ‘quente’ e você aí falando de casamento. Tenha mais respeito pelos mortos!

– Perdão, papai, pelos meus maus modos.

Todavia, no íntimo, René estava eufórico pelo sucesso da empreitada. Após a conversa com seu pai, foi ter com Jean para lhe contar a novidade.

– Então tudo correu bem, senhor. Não lhe disse que as chances de logarmos êxito eram enormes?

– Sim, meu caro Jean. Tinha razão. Passando o sepultamento, se apresse em pagar o que devemos àquela serva. Não pode vazar o que fizemos. E volte a conversar com o teu amigo e o amigo em comum dele com a serva. Reafirme a necessidade de manterem silêncio a respeito do acontecido.

– Sim, mestre. Fique tranquilo, pois sei que irão manter segredo. Foram muito bem pagos para isso.

O período do velório e o sepultamento eram ocasiões que poderiam permitir nova aproximação de René e Candice. O astuto proprietário de terra lhe deu as condolências pelo passamento de seu pai, mas, afoitamente, lembrou da necessidade de conversarem sobre o casamento.

– Perdoe-me, René. Mas por algumas semanas mantereirei luto e não quero conversar sobre isso.

– Sim, Candice. Entendo perfeitamente e peço desculpas pelo meu jeito apressado.

Muita tristeza dos familiares com o sepultamento do morto. Alguma indiferença por parte dos membros da alta sociedade de Lyon, principalmente daqueles que tinham negócios com Louis Bascher. E um certo alívio para os servos e empregados da fazenda, bem como de outras pessoas residentes em povoados próximos ao castelo. Para estes é como se uma negra sombra houvesse se dissipado.

Uma das pessoas presentes em todo o cortejo, como não poderia deixar de ser, era Doutor Clément. Médico da família há anos, aquele experiente senhor de 60 anos fez questão de permanecer junto aos familiares. Ainda estava um pouco cismado com o pó que encontrou na mesa das ervas medicinais, mas durante todo o velório se limitou a confortar os enlutados. “Não é o momento de pensar sobre possibilidades. Agora é a hora de prestar homenagens ao morto

e, principalmente, de dizer palavras de carinho à família” – pensou o bondoso médico.

Durante o velório no salão principal do castelo de Louis Bascher foi celebrada uma missa de corpo presente pelo Bispo Pietro, um adorável velhinho de 80 anos. Aquele religioso de procedência italiana era o responsável, há décadas, pela Catedral de Saint-Jean, também chamada de Catedral de Lyon. Conhecia, portanto, a trajetória do finado dono daquele castelo, mas se absteve de fazer comentários mais duros a respeito de sua personalidade ou de suas atitudes enquanto estava vivo.

– Que o nosso Pai do céu possa receber a alma de nosso estimado irmão Louis Bascher. Deus conhece cada uma de suas ovelhas e, por isso, sabe que erramos muito. Ele nos proporciona meios de corrigir nossos erros, e muitas vezes o coração se torna mais brando com a proximidade da morte, por exemplo, ao se ter a notícia de uma terrível doença. Creio que algo parecido se passou com o nosso irmão, que de um ano para cá enfrentou essas adversidades. Agora ele está junto ao Pai, orando por todos nós.

O Bispo Pietro e os demais presentes entoaram cantos e orações em memória ao falecido. Um dos genros leu uma passagem da Bíblia sobre a morte de Jesus, ao final da qual o bispo fez um efusivo e longo comentário, destacando que a ressurreição é um prêmio para todos aqueles que viveram na Terra e seguiram os passos do Mestre.

A SUSPEITA DO MÉDICO

Após a celebração da missa de corpo presente, algumas pessoas saíram do salão principal onde estava o caixão e se dirigiram para o exterior do castelo. Aaron e René Vasselot estavam conversando, e também saíram do recinto. Avistaram, em uma pequena sala, Doutor Clément sentado, aparentando cansaço. Foram conversar com ele.

– Vejo que estás cansado, doutor. Os dias têm sido intensos, não? – perguntou o pai de René.

– Sim, além de acompanhar diariamente o finado Louis Bascher, também tenho diversos outros pacientes e realmente vem um pouco de cansaço, mas faz parte da profissão que eu escolhi.

– Com certeza. A propósito, espero que a minha consulta de amanhã à tarde esteja mantida.

– Certamente que sim, Aaron.

– Pobre Louis Bascher. Depois de mais de um ano lutando contra essa terrível doença finalmente ela o venceu, – disse despropositadamente Aaron.

– Se é que ele morreu da doença... – disse o médico, meio sem querer.

Aaron e René entreolharam-se. As palavras do Doutor Clément causaram extrema surpresa ao primeiro e nervosismo ao segundo. Ainda perplexo com a suspeita do médico, após alguns segundos de silêncio Aaron disse:

– Ele não morreu da doença que possuía?

– Não sei, Aaron. Não tenho nada a dizer em relação a isso, ao menos por enquanto.

René ficou perturbado com o que dissera o médico. Começou a suspeitar que ele poderia ter descoberto algo. Mas como o médico descobriu que Louis havia sido envenenado? Por que ele suspeitou? Teria feito alguma autópsia do corpo?

– Provavelmente ele morreu da doença – desconversou Doutor Clément, olhando para pai e filho.

Ainda assim René ficou desconfiado com as palavras do médico. Eles conversaram sobre outros assuntos mais amenos naquela sala, até que chegou o momento do corpo ser levado para o mausoléu da família. Todos acompanharam o cortejo e a dor dos familiares. René tentava se aproximar o máximo que podia de Candice, mas percebeu que aquele momento era dela com suas irmãs e seus cunhados.

O Bispo Pietro fez nova celebração no local do enterro. Dessa vez de forma mais rápida e apelando aos céus em favor daquela pobre alma. Minutos depois o corpo era sepultado. Com a etapa final do funeral concluída, algumas pessoas se despediram da família enlutada, enquanto outros permaneceram para confortá-los.

Aaron e René despediram-se de Candice, suas irmãs e seus cunhados e tomaram rumo de sua residência. Aos poucos a família de Louis Bascher se despedia de todos os que tinham participado daquele funeral. A dor da falta do pai era visível no semblante daquelas mulheres.

Na manhã seguinte René já estava agitado com aquela conversa do dia anterior. Estava em dúvida se realmente Doutor Clément sabia de algo a respeito do envenenamento. Resolveu aguardar a consulta do pai, à tarde. Iria tentar especular alguma informação, mas com o cuidado de não levantar suspeitas, principalmente de seu pai.

À tarde Aaron saiu de sua residência e foi até ao consultório do médico. A consulta transcorreu normalmente. O pai de René tinha apenas que tomar algumas ervas medicinais. Deveria, também, caminhar e respirar o ar puro da campanha.

– Assim viverás mais uns quarenta anos – brincou o médico.

– Não creio que será isso tudo, doutor – respondeu bem-humorado o pai de René.

Já se preparando para sair do recinto, Aaron disse-lhe:

– Espero que esteja melhor, Clément. Ontem percebi que estava muito cansado e preocupado.

– Sim, Aaron. Estou mesmo. Preciso lhe contar uma coisa. Quem sabe poderá me ajudar.

– Estou à disposição para ajudar o amigo.

– No dia em que fui chamado para ver Louis, estive em seu quarto e pude atestar que ele realmente havia falecido. Quando estava para me retirar do local, despropositadamente olhei para a cômoda em que estavam as ervas medicinais usadas em seu tratamento. Percebi algo muito estranho.

– O que? – perguntou surpreso Aaron.

– Havia um pouco de pó próximo às garrafas de água. Tive que agir com cautela para não chamar atenção. Disse aos presentes que eu precisava recolher as ervas medicinais e as garrafas de água para poder fazer o laudo final e emitir o atestado de óbito. Aproveitei e, disfarçadamente, recolhi em um pequeno recipiente aquele pó negro que estava sobre a mesa.

– E encontrastes alguma anomalia?

– Sim, ao chegar aqui no consultório, deixei a maleta, mas não tive como analisar o material, já que havia consultas marcadas para a tarde. À noite, no entanto, voltei para cá e analisei tudo. O pó é veneno, e também estava em uma das garrafas de água. A água que Louis Bascher bebeu estava contaminada!

– Meu Deus! Então essa foi a causa da morte dele?

– Eu precisei tirar esta dúvida, examinando mais detidamente o finado Louis antes do enterro. Analisei sua língua e também outros sinais do corpo, e pude concluir que, de fato, ele tomou a água e morreu envenenado.

– Estou assustado com essa informação. Quem poderia fazer tamanha maldade?

– Não sei, Aaron. Mas estou juntando as provas e irei repassar ao responsável pela força policial da cidade, Oficial Nathan, para que instaure um inquérito. Será necessário investigar os empregados, os servos e até as pessoas da família. De alguma forma aquele veneno foi parar no quarto de Louis. A investigação nos dará as respostas.

– Sim, deve comunicar o quanto antes às autoridades policiais.

– Gostaria que estivesse presente no momento em que eu entregar as provas ao oficial. O senhor conhecia o finado Louis Bascher e é uma pessoa de caráter inquestionável em nossa sociedade. Além disso, sei que também esteve presente algumas vezes na casa do finado durante todo o período de seu tratamento. Certamente o oficial precisará de algumas informações sobre o dia a dia do local e como agiam os empregados e servos.

– Não creio que possa dar muitos detalhes, pois minhas visitas eram rápidas, sempre em companhia de meu filho. No entanto, eu me coloco à

disposição para acompanhá-lo e informarmos ao oficial sobre esse terrível crime!

– Obrigado, Aaron. Vamos combinar de amanhã, nesse mesmo horário, irmos até o posto policial. Esse assunto deve ficar restrito a nós dois.

– De acordo. Até amanhã.

A EMBOSCADA

Ao terminar a frase, Aaron Vasselot despediu-se do velho amigo médico e voltou para sua residência. No castelo da família, René já estava impaciente com a demora de seu pai. Sabia, contudo, que para obter alguma informação teria que ser o mais discreto possível.

– Olá, papai. O senhor demorou na consulta.

– Olá, meu filho. Além da consulta também estive na Catedral de Lyon.

– O senhor continua fazendo aqueles trabalhos assistenciais?

– Sim, claro. Estive com o Bispo Pietro visitando uma família pobre à qual temos dado assistência. A filha do casal miserável é muito nova, tem somente 17 anos e está grávida.

– Ah, papai. Não acha que deveria se preocupar menos com essa gente? Cada um tem aquilo que merece.

– Não diga isso, meu filho. Tudo que temos é graças a Deus. O que Ele nos dá, pode tirar a qualquer momento.

– Mas o senhor tem de tudo aqui, não precisa ficar se rebaixando e visitando essas pessoas pobres.

– Meu filho, esse é um assunto meu. Não visito as famílias como um importante fazendeiro da região, mas, sim, como um membro da Igreja do Senhor. Tanto é que me visto da forma mais simples para ir visitá-los, a fim de não constranger ninguém. Se você não se interessa por esses assuntos, eu respeito. Mas agora que está tocando os negócios de nossa família, usarei meu

tempo livre para as questões da igreja. Por isso, tenho visitado algumas famílias com o nosso querido Bispo Pietro. E a essa família, em especial, agora tenho dado particular assistência. Pretendo ajudar a moça e sua família.

– Vai dar dinheiro a eles?

– Meu filho, a caridade não é somente material. A moça sofreu um trauma. Muitas vezes as pessoas precisam mais de palavras de conforto do que de dinheiro. Mas é claro que nós daremos um pouco de ajuda material. Mas apenas o necessário.

– Tudo bem, papai. Não vou comentar mais sobre isso. Se o senhor se sente feliz assim, quem sou eu para julgar? A propósito, como está a saúde do senhor?

– Está tudo bem. Fiz uma consulta de rotina. Clément passou algumas ervas medicinais, mas disse que a minha saúde está ótima.

– Estive preocupado, acho que devido ao que aconteceu com o pai de Candice. Sou filho também e penso no sofrimento que ela está passando. Quero estar mais próximo do senhor.

– Ora meu filho. Muito obrigado por sua preocupação, mas o seu velho pai é mais forte do que um touro – disse ele rindo.

René pegou uma garrafa de água e ofereceu um copo a seu pai. Tomou também um pouco e disse:

– E o Doutor Clément Solignac está bem? Ontem tive a impressão que ele estava cansado e preocupado com alguma coisa – René tentou proferir as palavras de uma forma desinteressada.

– Está cansado com as diversas atividades que exerce. Afinal de contas, apesar de ser médico, sabemos que já é um senhor de 60 anos! Já sente o peso da idade. Eu que tenho dez anos a menos que ele, também sinto esse peso. A cada ano se torna mais difícil. É a velhice que chega para todos, meu filho.

– Sim, é verdade.

Ficaram alguns minutos em silêncio. René estava procurando a melhor forma de saber mais informações de seu pai, que agora contemplava a paisagem da janela do castelo. Finalmente René interrompeu os pensamentos de seu pai.

– Achei o Doutor Clément muito preocupado ontem, papai.

– Como te disse, é o cansaço.

– Não, papai. Ele parecia que estava preocupado com a morte de Louis Bascher. Ele disse claramente ‘se é que ele morreu dessa doença’. Desde ontem fiquei preocupado com isso. Louis Bascher era o pai de Candice, minha futura esposa, e qualquer coisa errada que tenha acontecido com ele também afeta a mim. A honra dele deve ser respeitada, e se houve algum crime o culpado precisa ser encontrado. Isso, claro, se realmente o médico tinha razão das suspeitas que deixou escapar...

René disse tudo com a maior naturalidade, sem deixar transparecer que tinha certeza que havia ocorrido um crime. Aparentava a preocupação de um marido com o possível sofrimento da esposa, caso fosse confirmado que seu pai fora assassinato. Aaron fitou os olhos do filho com carinho e amor. Tomou mais um copo de água, olhou mais uma vez a paisagem da janela e disse-lhe:

– Meu filho, fico feliz com os sentimentos que demonstra por essa senhorita e também pelo seu finado pai. Mesmo sabendo que ele fez muitas maldades durante a vida, seu coração se compadeceu daquele pobre homem – disse Aaron, guardando algumas ervas medicinais e a receita em uma caixa de madeira que estava em cima da mesa. Depois de alguns minutos, virou-se para o filho e disse:

– Infelizmente, René, as suspeitas de Clément foram verdadeiras. Ele descobriu um veneno colocado na água que Louis Bascher tomava e que estava perto das ervas medicinais usadas em seu tratamento.

Então Aaron contou a seu filho todo o trabalho feito pelo médico para chegar à conclusão da *causa mortis* de Louis Bascher. Ao informar-lhe que ele faria companhia ao médico no dia seguinte para apresentar as provas ao oficial, René se assustou, mas rapidamente dissimulou sua fisionomia e falou ao pai:

– Também quero acompanhar-lhes. Estive algumas vezes com o senhor no castelo de Louis Bascher e ele seria meu futuro sogro. Quando esta história

vier à tona, Candice precisa saber que eu fui um dos primeiros a tomar frente para esclarecer o assassinato de seu pai.

– Muito bem, meu filho. Irás conosco amanhã.

René retirou-se da sala, e imerso em diversos pensamentos começou a imaginar uma forma de impedir que a apresentação das provas ocorresse. Tinha uma leve certeza do que deveria ser feito. Minutos depois mandou chamar Jean para uma conversa em seu gabinete particular. Assim que o capitão chegou, deixou-lhe a par de todos os acontecimentos e disse que precisavam pensar em uma solução para o caso.

– Jean, a situação é gravíssima!

– Senhor, vejo somente uma alternativa.

– Qual?

– Precisamos dar fim no médico e em suas provas. Não há outra solução!

– Era exatamente o que eu havia pensado. Precisamos agir rápido!

Os dois criminosos começaram a traçar o plano. Novamente os homens mascarados agiriam. A ação deveria ser à noite, horário que o médico costumava deixar seu consultório.

Jean recrutou alguns de seus homens de confiança e eles ficaram de tocaia em volta do consultório do médico. Era preciso saber se o médico levaria ou não seus pertences. Quando Doutor Clément Solignac saiu e pegou a carruagem em direção à estrada, parte dos homens arrombou a janela de seu consultório e, após intensa procura, descobriu a maleta com as anotações, as garrafas de água e um pequeno recipiente contendo pó. Eles haviam sido instruídos para achar tais materiais. Era a prova do crime e deveria ser levada intacta para o capitão Jean.

A outra metade dos homens, sob a chefia de Jean, seguiu a carruagem até um determinado local da estrada. Sabiam que aquele seria o melhor momento, pois não havia casas próximas, o que dificultaria serem descobertos.

Os homens atacaram o cocheiro e o médico que estava no interior da carruagem, matando os dois. Para não despertar suspeitas, levaram as poucas moedas que estavam consigo, para que o crime parecesse um latrocínio. Os

comandados de Jean partiram logo em seguida, deixando para trás os dois corpos ensanguentados e sem vida. Não havia nenhuma testemunha daquele ato bárbaro cometido contra aquelas pobres vítimas.

No dia seguinte pela manhã, o grande assunto nas ruas de Lyon era o assassinato do médico de 60 anos, tão querido por todos. Cada morador da cidade tinha alguma história para contar a respeito daquele simpático doutor, que tratava todos com o máximo de educação e consideração, fosse pobre ou rico.

Ao saberem dos assassinatos, os agentes, sob o comando do Oficial Nathan, foram ao local e fizeram a avaliação da área e dos corpos. Horas depois foram informados do arrombamento do consultório do médico e também fizeram uma análise do local.

Em uma época carente de recursos tecnológicos para investigação de crimes, pouca coisa podia ser feita.

A DESTRUIÇÃO DAS PROVAS

Ainda pela manhã, René e Jean tiveram uma reunião particular. O capataz apresentou as provas do crime a seu patrão: a maleta com as anotações, as garrafas de água, um pequeno recipiente contendo o veneno em pó, o laudo descrevendo a *causa mortis* de Louis Bascher e o seu atestado de óbito.

– Muito bem, Jean. Fizeram um excelente trabalho. Remunere generosamente seus homens e, não se esqueça, sigilo absoluto a respeito do que ocorreu.

– Sim, senhor, não se preocupe. Nenhum deles falará nada a respeito, até porque também cometeram o crime e seriam investigados.

– Agora precisamos destruir essas provas. Vamos sair daqui.

Os dois saíram do castelo e foram a um local bem afastado. Ali Jean já havia preparado alguns materiais para fazer uma fogueira e queimar os objetos. Dois homens estavam a postos, apenas esperando a chegada de seu

mestre. Após acenderem a fogueira, Jean jogou cada objeto, um a um, para ser consumido pelo fogo. Por último foi jogada a maleta do Doutor Clément.

– Tem certeza que não ficou nenhuma prova do crime no consultório do doutor? – perguntou René.

– Não senhor, foi tudo revistado.

– Então quero que enterrem as cinzas e as sobras do material que, porventura, não tenha sido queimado. Todas as pistas precisam ser apagadas.

– Sim, senhor. Faremos isso.

René deixou os homens terminarem o serviço e, sozinho, retornou ao castelo. Chegando lá entrou seu pai aflito.

– O que houve, papai? – perguntou René, aparentando desconhecer os fatos.

– Ainda não sabes?

– Não, senhor. Saí bem cedo para visitar as plantações nas propriedades e apenas estou retornando agora. Aconteceu alguma coisa?

– Meu amigo Doutor Clément foi assassinado na estrada ontem à noite. Seu cocheiro também morreu.

– Meu Deus, papai! Como isso foi acontecer? Essas terras somente veem desgraças e mortes!

– Sim, meu filho. O oficial acredita que eram ladrões, pois roubaram a bolsa e outros pertences do médico.

– Todos temos que nos cuidar ao sair por essas estradas. A bandidagem se aproveita das pessoas que são honestas e ganham o pão com o fruto de seu trabalho.

– Sim, é verdade. No entanto, o oficial achou estranho porque o consultório também foi arrombado e todo revirado. Cadeiras e mesas totalmente destruídas.

– Realmente é bem estranho.

– O oficial acredita que os bandidos, primeiramente, foram roubar Clément no consultório. Mas como não o encontraram e tampouco nada valioso, ficaram nervosos e destruíram tudo. Em seguida foram em direção à sua residência, alcançando-o na estrada.

– É verdade. É uma possibilidade bem plausível.

– Não sei o que faço, meu filho.

– Por que diz isso, papai?

– Estive no consultório de Clément pela manhã, juntamente com os oficiais, e também fui ver o corpo na estrada. Não havia nenhum sinal da maleta dele e nem dos documentos e anotações que ele tinha.

– É estranho. Por que roubariam isso?

– Não tenho ideia. O fato é que o oficial não sabe das provas do envenenamento de Louis Bascher. Lembra-se que íamos hoje à tarde acompanhar Clément para entregar as provas ao oficial?

– Sim, claro. Retornei mais cedo de minhas visitas às propriedades justamente para ir ao encontro do médico – respondeu René de forma cínica, despistando sua responsabilidade.

– Agora não sei mais o que faço. Não sei se devo comentar com o oficial a respeito das suspeitas e provas que tinha Clément. Neste momento não há mais nenhuma evidência relacionada ao envenenamento.

– Papai, na minha opinião não devemos falar sobre isso ao oficial. Ele já terá bastante trabalho para desvendar o assassinato de Doutor Clément. Acrescentar mais essa informação em nada ajudará na investigação, pois vê-se que ele foi morto por interesses financeiros. Roubaram sua bolsa de moedas e pertences – falou René tentando dissuadir seu pai.

Aaron Vasselot ficou pensativo por alguns minutos. Se por um lado ele entendia que deveria prestar todas as informações possíveis ao oficial, por outro, ele concordava com o filho que eram demasiadas informações para a polícia.

– Sim, tem razão. Seria apenas complicar a investigação do oficial. Peço, portanto, que guarde com você aquela informação do envenenamento de Louis Bascher. Esse assunto deve ficar apenas entre nós!

– Com certeza, papai. Ninguém saberá sobre isso. Dou a minha palavra – disse René plenamente satisfeito com o desenrolar dos acontecimentos.

O NOIVADO

O Oficial Nathan recolheu todas as provas daquele crime. Aparentemente os assassinos estavam em busca de dinheiro, por isso roubaram os pertences do médico. Não satisfeitos em destruir o consultório a fim de descobrir algo de valor, ainda empreenderam caçada ao Doutor Clément para roubá-lo.

– Talvez tenha havido recusa e resistência do próprio médico em lhes entregar seus bens, por isso tenha sido morto. E na tentativa de ajudar o seu patrão, o cocheiro também foi morto. Não há nenhuma pista ou testemunha. Seguiremos a investigação, mas é difícil que tenhamos alguma novidade – disse o oficial a Aaron, mais cedo quando conversaram.

Essa foi a versão oficial para a morte cruel de um dos médicos mais importantes de Lyon, que, posteriormente, emprestou seu nome a uma rua da cidade. Durante quase quarenta anos foi um dos principais médicos daquela região.

René tinha retirado de seu caminho o seu futuro sogro e também o médico que havia descoberto o envenenamento. “Infelizmente eles tiveram que pagar um alto preço por tentar atrapalhar a minha felicidade” – pensou o cavaleiro.

No dia seguinte, encontrou-se com Jean em uma de suas propriedades, no final do expediente. Seu capataz já estava saindo do local quando o viu. Ele estava próximo a uma mulher que dava as mãos a um adolescente. Apresentou-os ao seu patrão. Eram Justine, sua esposa, e o filho, Théo. Percebendo que René queria falar com ele, Jean se despediu da família, que seguiu o caminho de sua casa, não muito distante dali.

Ao ficarem sozinhos, René aproveitou para lhe contar as notícias e como o plano deles tinha tido sucesso.

– As informações vindas da cidade dão conta de que o médico foi assaltado na estrada, e como havia resistido ao roubo foi executado. E não há nenhuma suspeita a respeito das provas que ele tinha do envenenamento.

– Mas, senhor. O seu pai sabe do envenenamento.

– Sim, mas ele não falará nada. Acha que será melhor que a polícia se concentre apenas nas investigações a respeito do médico, que era seu amigo particular.

– Então não teremos problemas quanto a isso.

– Não! E os homens foram instruídos em relação à discrição?

– Sim, alguns dos que recrutei são da região, não moram em Lyon. São mercenários. Cumprem as ordens e depois partem para outro “trabalho”.

– Melhor assim.

Após quinze minutos de conversa rápida, despediram-se, e René tomou o sentido do castelo onde morava. Chegando lá ficou pensativo em relação ao tempo que deveria esperar para entrar em contato com Candice Bascher e falarem a respeito do casamento. Deixou passar quinze dias e foi ter com ela em seu castelo. A princípio seria uma visita para saber como estava a família após o passamento de seu pai.

– Estamos melhor. Aos poucos vamos tomando consciência de que papai não voltará mais. E que a vida tem que continuar. Meus dois cunhados já assumiram totalmente os negócios que papai tocava, e minhas irmãs têm me ajudado na direção do castelo.

– Fico feliz que estejam superando a ausência do senhor Louis Bascher.

– A dor diminui, mas a saudade aumenta a cada dia.

– Sim, entendo perfeitamente.

René ficou alguns minutos em silêncio, como se precisasse tomar coragem para entrar em um assunto delicado com Candice. Finalmente decidiu e falou:

– Quando retomaremos a nossa conversa do casamento?

– Ainda não sei, René – e depois de pensar por alguns minutos, lhe disse:

– Volte daqui a dois meses. Acredito que até lá já terei ajeitado minha vida.

– Dois meses? – pensou René, já de volta ao seu castelo. Mas para quem esperou mais de um ano para que o velho morresse, o que são dois meses?

Com a morte de Louis Bascher e a expectativa do casamento com sua filha, René novamente deixou de frequentar a taberna. Antes do falecimento, era presença constante ao menos duas vezes por semana. Seus amigos novamente tentaram lhe influenciar a voltar à boemia, mas o cavaleiro preferiu se dedicar ao trabalho e esperar o tempo solicitado por Candice Bascher.

Ao pensar sobre isso, lembrou-se da fatídica madrugada em que, a caminho de seu castelo, teve um relacionamento à força com aquela jovem. “O que a bebida não faz? Mas era uma uma camponesa bonita” – envaideceu-se René. Já haviam-se passado oito meses desde aquele terrível ato realizado contra a vontade da jovem, e foi a primeira vez que o filho de Aaron Vasselot se lembrou dela.

Após muita expectativa, o período de dois meses havia chegado ao fim. Nesse ínterim, o cavaleiro viu Candice somente uma vez, em uma missa na catedral. No entanto, ele apenas pôde cumprimentá-la de longe. Terminado o prazo, René retornou ao castelo de Candice e encontrou sua amada mais bem-disposta que antes.

– Vejo que estás muito bem e que as coisas por aqui melhoraram – disse René, ao citar as mudanças de móveis e a nova decoração do castelo.

– Sim, as mudanças contaram com a aprovação de minhas irmãs e meus cunhados. Achamos que seria melhor mudar um pouco o ambiente. Isso não quer dizer que não pensamos todos os dias no papai, mas creio que mudar a decoração ajuda a dar um aspecto diferente ao castelo e deixa todos mais alegres e esperançosos por dias melhores.

– Com certeza. Ficou ótimo. Parabéns!

– Imagino que tenha vindo aqui devido ao término do prazo de dois meses que estabeleci...

– Acertou! – disse René, sem disfarçar seu intento.

Candice ficou de pé. Olhou o horizonte através da janela daquela sala. Ficou pensativa por alguns momentos. Finalmente voltando-se para René, disse-lhe:

– Gosto muito de morar aqui, neste castelo. Gosto da companhia de minhas irmãs, de meus cunhados e também dos nossos empregados e servos. Por outro lado, sinto saudades da vida que eu tinha em Roma e de todo o aprendizado que adquiri lá. Dos conhecimentos obtidos, das aulas de piano, dos bailes da corte e das missas no Vaticano.

O cavaleiro ficou quieto. Apenas ouvia o que dizia sua futura companheira. Candice olhou novamente para a janela como se buscasse alguma resposta para a decisão que deveria tomar a respeito do casamento. Pensou mais um pouco e disse:

– Todavia, creio que já é o momento de constituir família. Tenho quase 20 anos e, para uma mulher, é uma ótima idade para casar e ter filhos.

O coração de René pulsou de alegria ao ouvir aquelas palavras. Começou a imaginar que finalmente ele teria sucesso e conseguiria se casar com a filha de Louis Bascher. Candice ficou em silêncio mais alguns momentos e finalmente falou a René:

– Sim, vamos marcar o noivado e, posteriormente, a data do casamento! – disse ela esboçando um sorriso de felicidade ao poder dar aquela notícia tão esperada ao filho do fazendeiro Aaron Vasselot.

– Não sabes como eu esperava por estas palavras! Estou muito feliz e não caibo em mim de tanta alegria!

Combinaram que o noivado seria marcado para dali a um mês. Assim, haveria tempo de preparar uma cerimônia simples, a fim de comunicarem aos parentes e amigos que pretendiam se casar em breve. O noivado também serviria como permissão para que René pudesse visitar Candice com frequência. Logicamente, de imediato suas irmãs e seus cunhados tiveram ciência do noivado, mas era necessário esperar a data da cerimônia para que houvesse a oficialização do compromisso.

Ficou definido, também, que o casamento seria realizado oito meses depois da oficialização do noivado. Então, o bispo seria comunicado e daria tempo de efetuar todos os trâmites burocráticos para contraírem matrimônio na sagrada Igreja.

AMARGAS LEMBRANÇAS

René voltou muito feliz para o castelo, e seu pai lhe esperava para falarem a respeito do noivado. Com a confirmação da cerimônia, Aaron Vasselot ficou aliviado ao ver a felicidade estampada no rosto do filho.

– Agora está tudo certo, papai. A cerimônia será daqui a um mês e o matrimônio será oito meses depois. Em breve o senhor verá lindas crianças correndo por estes salões! – disse o filho de Aaron, todo orgulhoso.

O velho pai ficou feliz com a afirmação do filho e já se imaginou acariciando os netos e contando-lhes histórias. “Seria uma grata recompensa pelas tristezas dos últimos tempos” – pensou o velho fazendeiro.

O assassinato de Doutor Clément foi um duro golpe para diversas pessoas, sobretudo as mais pobres. Duas pessoas, em especial, sentiram muito a sua morte: Aaron e o Bispo Pietro. Os três eram grandes amigos e companheiros em trabalhos de assistência social que o religioso promovia junto a famílias carentes.

Aos poucos, no entanto, o dia a dia na cidade de Lyon foi voltando ao normal. Um novo médico passou a atender aos pacientes do falecido doutor. Era o jovem médico de 29 anos, Doutor Michel.

Os dias de espera para o noivado transcorreram normalmente. A família de Candice Bascher fez os preparativos no castelo e a cerimônia seria restrita a poucos convidados, somente familiares e amigos próximos dos noivos. Para René, contudo, aquele mês durou uma eternidade. Parecia que nunca passava, e sua ansiedade aumentava a cada dia. Finalmente o tão sonhado dia para o filho de Aaron Vasselot chegou.

O castelo da família de Candice recebeu os convidados, dentre eles pessoas influentes da alta sociedade de Lyon, conhecidos do seu finado pai. Esteve presente, também, o Bispo Pietro, que abençoou as alianças de noivado e disse que era uma prévia da celebração do casamento que seria realizada dali a oito meses.

As irmãs e os cunhados de Candice estavam contentes ao ver a felicidade dela. Ocasionalmente percebiam algum sinal de tristeza em seu olhar, ao que ela prontamente respondia que era pela falta que sentia de seu pai.

Ficou estabelecido, em uma reunião entre René, Candice, seus familiares e o Bispo Pietro, que o cavaleiro visitaria a noiva duas vezes na semana, sempre na companhia de algum parente de Candice. Eram regras impostas pela sociedade daquela época e que eram aceitas por todos, sem o mínimo de questionamento. Este período servia para que os noivos se conhecessem melhor e pudessem fazer os planos para o casamento e também para a vida a dois. Somente depois de casados é que eles teriam a oportunidade de estar a sós.

Com o noivado e a oficialização do compromisso entre René e Candice, a vida no castelo da filha de Louis Bascher ganhou mais um integrante, mesmo que fosse ocasional. Além da conversa com a futura esposa, René pôde estreitar relações com os demais membros da família dela.

A cada visita René sentia que Candice era a mulher da sua vida. Ela, apesar da saudade que tinha de seu pai, também via no jovem cavaleiro um companheiro perfeito. Suas palavras eram doces e ele era sempre muito atencioso com ela e com sua família.

Os meses foram transcorrendo normalmente, sem nenhuma novidade importante. Quando faltavam apenas dois meses para o casamento, René foi surpreendido com uma visita em seu castelo. Era um mensageiro, levando um bilhete de sua futura esposa.

Não volte à minha casa.

Estou viajando.

*Retorne daqui a três semanas
que preciso lhe fazer um comunicado.*

Candice Bascher

René ficou assustado. “Como assim ela está viajando? Eu a vi quatro dias atrás e ela não me comunicou nada!” – pensou ele extremamente furioso. Imediatamente o jovem pegou seu cavalo e saiu em direção à residência de sua amada. Chegou ao castelo e solicitou permissão para entrar, o que foi prontamente negado. Mais irritado ainda pediu para falar com Candice. Minutos depois surgiram na entrada da fortificação as duas irmãs dela e, com a cara fechada, uma delas disse:

– Senhor René. Nossa irmã não está no castelo. Ela pede que o senhor retorne daqui a três semanas para lhe fazer um comunicado.

– Como assim comunicado? Estive aqui há quatro dias e tudo estava indo perfeitamente. Por que ela não me avisou naquele dia?

– Não sei lhe dizer. Estou apenas relatando o que ela pediu para lhe falar.

– Para onde ela foi? Ela não está no castelo?

– Ela não está aqui, posso lhe garantir.

– E para onde viajou? Por quê?

– Ela não nos informou. Disse que precisava pensar sobre algumas coisas e que na volta conversaria com o senhor. Peço que não insista mais e somente retorne aqui na data que ela estipulou no bilhete que V. Sa. recebeste.

Percebendo que não havia mais o que falar, René se despediu das duas irmãs e tomou o caminho de volta. Estava visivelmente irritado e indignado com a postura de Candice. Não esperava aquele comportamento dela. Dias atrás tudo estava maravilhosamente bem entre os dois.

– Qual seria a razão da viagem dela? Por que não lhe havia comunicado?

– Será que foi comprar algo para o casamento? – Com esse pensamento o cavaleiro ficou um pouco mais tranquilo. Poderia ser isso. Mas logo em seguida seu espírito novamente ficou como que envolto em trevas.

– Todavia, por que aquela atitude hostil de suas irmãs? Certamente a causa da viagem não pode ser a compra de um vestido ou de algum paramento para o casamento. Deve haver alguma razão grave que, por algum motivo, elas não quiseram me dizer.

René passou os dias extremamente irritado e praticamente sem dizer uma palavra às pessoas ao seu redor. Aaron Vasselot soube do acontecido e procurava não aparentar preocupação, para não deixar o filho ainda mais apreensivo.

René estava cada vez mais agressivo com os servos e empregados das propriedades. A exceção era Jean. O capataz era seu braço direito, cúmplice nos crimes e, de vez em quando, ouvia-lhe as mágoas.

– Montamos guarda em frente ao castelo da senhorita Candice Bascher. No entanto, os costumeiros passeios dela e da serva nos jardins não foram mais realizados. Aparentemente não há nenhum sinal dela. Nas saídas da família para a cidade, ou mesmo para as missas na catedral, não identificamos a senhora entre os ocupantes das carruagens. Continuaremos a vigiar, mas parece que ela não está no castelo – disse Jean, prestando contas ao seu patrão.

– É uma situação muito estranha. Por que Candice sumiu e não me avisou nada?

René ordenou que a vigilância continuasse, mas não tinha esperanças de ter notícias da noiva até que findasse o prazo estipulado. Os dias se passaram e finalmente chegou a data marcada. No dia anterior Jean disse que havia chegado uma carruagem ao castelo e que nela estava a futura esposa de René.

– Amanhã saberei então o que aconteceu. Espero que haja uma explicação convincente!

No bilhete enviado por Candice Bascher havia a data e o horário específicos para que René retornasse à sua residência. O cavaleiro se sentia ultrajado com aquela espécie de jogo que a filha de Louis Bascher fazia com ele.

– Não admitirei mais que uma mulher faça isso comigo. Em nossa sociedade a obrigação delas é prestar obediência e reverência aos maridos. Sei que ela viveu na capital italiana, mas isso não a torna diferente das demais. Após o casamento essa relação há de mudar! – pensou René de forma categórica.

No dia estipulado, René acordou bem cedo e se preparou para ir ao destino combinado. Chegou ao castelo da família de Candice e, dessa vez,

havia um servo esperando na frente do portão. Ele conduziu o cavaleiro pelas dependências do lugar até chegarem ao salão principal, deixando-o frente a frente com a filha de Louis Bascher. Ao avistá-la, René disse em voz alta:

– Senhorita Candice Bascher, como podes viajar e não avisar ao teu futuro marido? Eu exijo uma explicação...

– Calma aí, senhor René Vasselot, que V. Sa. não está em sua casa para falar nesse tom de voz! – disse Candice de forma energética e com a cara fechada.

René não esperava que tivesse a sua fala cortada. Percebeu que Candice estava com um olhar severo e tinha “cara de poucos amigos”. Seu olhar alcançou o restante do salão, aquele mesmo onde havia sido velado Louis Bascher. Junto com a sua futura esposa estavam suas duas irmãs e seus dois cunhados, todos com o mesmo semblante sério. Havia acontecido alguma coisa muito grave, mas ele não conseguia imaginar o que poderia ser.

– Por favor, nos deixem a sós – pediu Candice aos seus familiares.

– Ficaremos na sala ao lado, Candice. Assim que nos chamar, voltamos para cá – disse uma das irmãs nitidamente para que René ouvisse. Irmãs e cunhados saíram do recinto sem olhar para René.

Ficaram somente os dois a sós naquele gigantesco salão principal. René, não conseguindo esconder o seu desapontamento, disse:

– Estou esperando uma explicação, Candice. Nosso casamento é daqui a um mês e você sumiu por três semanas sem me avisar. Como seu noivo e futuro marido quero uma explicação!

Candice ouviu atentamente o que dizia René, sem baixar a guarda e sem deixar de desferir um olhar severo. Ficou em silêncio durante alguns minutos e depois falou:

– Pegue! – disse apontando para a mesa que estava próxima de René.

O filho de Aaron Vasselot ficou atônito. Olhou para o lado e viu em cima da mesa a metade do medalhão que havia dado a Candice naquele dia no jardim. Era o medalhão em formato de “lua minguante” e com as duas iniciais

de seu sobrenome. Ainda não conseguia entender por que ela tinha deixado o medalhão ali. Ao pegar a metade do medalhão, a jovem dona da casa disse:

– Fique com ele. Ele é seu, René.

– Mas não entendo. Dei essa parte do medalhão em sinal de meu compromisso com você.

Candice olhou de novo para René, fitando-o severamente. Ficou alguns minutos em silêncio, e então perguntou:

– E, por acaso, onde está a sua metade do medalhão, aquele em formato de “lua crescente”?

René gelou imediatamente. Em seguida sentiu como se um punhal tivesse acertado seu coração. Não conseguia esboçar nenhuma reação. Parecia uma estátua. Segundos depois, Candice tirou de dentro de uma bolsa a metade do medalhão no formato de “lua crescente” e jogou-o no chão, em direção a René.

– Não haverá mais casamento! Lembra-se onde deixou a sua metade do medalhão?

Naquele momento o cavaleiro se deu conta de que havia sido descoberto. Não podia acreditar naquilo que ouvira. Ainda sem entender como a sua amada tinha descoberto, entraram no salão as irmãs e os cunhados de Candice.

– Como teve coragem, René, de fazer aquilo com aquela pobre garota? Você acabou com a sua vida! E as bebedeiras na taberna foram divertidas? Não haverá mais casamento. Não quero lhe ver mais! Um dia vai pagar pelo que fez!

René não ousava sequer levantar os olhos que, naquele momento, já estavam umedecidos pelas lágrimas. Candice também começava a ficar emocionada com aquela cena, embora mantivesse a postura dura e severa. Percebendo que a cunhada não iria resistir mais, o marido de uma das suas irmãs disse em tom enérgico:

– Senhor René, por favor retire-se. V. Sa. não é mais bem-vinda a esta casa. Peço que não se aproxime mais da senhorita Candice Bascher, pois iremos montar guarda neste castelo. O Bispo Pietro já está ciente de que não haverá mais casamento e não precisa ser avisado. Agora retire-se!

O filho de Aaron Vasselot saiu do castelo se sentindo humilhado. Foi a última vez que viu Candice Bascher. Não podia acreditar que ela tivesse descoberto a relação sexual à força que tinha tido com a jovem camponesa naquele dia que saiu bêbado da taberna. Como ela poderia ter descoberto? E, por suas palavras: “Você acabou com a sua vida”, a impressão era de que a camponesa havia morrido após a relação.

– Lembro-me vagamente da moça – pensou. – Sei que usei a força para realizar meu desejo. A camponesa suplicava para que eu não fizesse aquilo, e ainda me lembro de sua voz. Eu havia bebido muito e estava transtornado. Depois que consumiei o ato, saí em disparada e apenas vi rapidamente que ela ficou estirada no chão, sem se movimentar. Meu Deus, será que ela morreu?

René acreditava que a sua força poderia ter matado a camponesa. Na realidade, Candice dizia metaforicamente que “a vida de René é que havia se acabado”, ao praticar aquela monstruosidade.

– Foi apenas uma aventura. Nunca poderia imaginar que aquele ato pudesse ter consequências tão graves e que destruísse o meu noivado – continuou pensando René.

A primeira coisa que fez ao chegar em sua residência foi se reunir com Jean e alguns homens e depois partir em direção àquela humilde casa próxima à estrada, onde ele tinha tido relação com a jovem camponesa. René estava consumido pela raiva e imaginava que, de alguma forma, aquela pessoa ou sua família haviam lhe denunciado. “Eles devem pagar pelo que fizeram”, pensou René com grande ódio no coração.

Ao chegarem ao local, para sua surpresa, não havia nada mais. Nem a casa humilde, nem o pomar, nem as plantações, nem as galinhas. Tudo havia sumido. Nenhum sinal da jovem camponesa. René percebeu que não tinha mais como saber como foi descoberto. Não havia nenhuma pista.

Percebeu, também, que não tinha mais como tentar reatar com sua antiga noiva. Tudo estava acabado para ele. Seus sonhos e desejos se evaporaram como a casa daquela jovem camponesa. A vida estava lhe cobrando um preço por seu crime. Deveria se resignar e aceitar a nova realidade.

Após horas relembando seu relacionamento conflituoso com Candice Bascher, desde quando a conheceu até o rompimento do noivado, René, em seu quarto no *Château Vasselot*, preparava-se para dormir. Após vinte anos sua antiga noiva havia se casado e estava de volta a Lyon. Aquelas palavras dela de ódio ainda ecoavam em sua mente. O dia tinha sido muito intenso e difícil para ele. Era hora de descansar e não pensar mais nos problemas.

A RECONSTRUÇÃO DE UMA VIDA

Quilômetros do castelo onde morava René, em um pobre povoado dos arredores de Lyon, a jovem Luci Annee, de 20 anos, terminava de bordar uma roupa. Suas habilidades com a costura eram notáveis. De longe sua mãe, Madeleine, admirava a filha e seu jeito delicado de trabalhar as roupas.

– De um pântano frio e sombrio, podem nascer as mais belas flores – disse em voz baixa aquela senhora de 38 anos.

Em seguida saiu da sala e foi para a cozinha. Ia começar a preparar o almoço em sua humilde casinha na zona rural de Lyon. Aquela senhora começou a se recordar dos tempos difíceis que tiveram. Lágrimas escorreram de seus olhos ao se lembrar daqueles momentos tristes.

Recordou-se de seu pai e de sua mãe e de como eles eram camponeses muito pobres, mas felizes com o pouco que possuíam. Tinham um belo pomar perto da casa, com diversos tipos de frutas. Na pequena propriedade seu pai cultivava arroz e criava vacas e bois. A jovem Madeleine, todos os dias, pouco antes do sol aparecer, cuidava das galinhas e também regava as plantas. Depois voltava para dentro de casa e ajudava sua mãe a preparar o café da manhã e os bolos para o trabalho do dia. Os três eram responsáveis pelas tarefas do plantio.

Por algum tempo tudo correu tranquilamente, até que, naquele dia fatídico, Madeleine estava demorando a voltar para dentro da casa. Sua mãe foi procurá-la. Não estava próxima às galinhas, nem tampouco no pomar. Continuou

a procurá-la. De repente seu coração acelerou ao ver a filha estirada no chão, com a saia rasgada e suja. Correu para acudi-la. Gritou desesperadamente pelo marido, que logo apareceu. Com muito cuidado conseguiram levantar a cabeça da jovem e, aos poucos, ela abriu os olhos. Deu um forte abraço na mãe e chorou. Sua mãe e seu pai entreolharam-se.

– O que poderia ter acontecido com ela? – perguntaram, mas Madeleine não falava nada. Parecia que estava muda.

Ao verem que a filha estava viva, mas ainda atordoada, o pai subiu no cavalo e foi em direção à fazenda de Doutor Clément Solignac. O simpático e bondoso médico de 60 anos há muito já estava acordado e se preparava para ir para a cidade trabalhar em seu consultório. O pai de Madeleine o encontrou ainda a tempo.

– Doutor Clément Solignac, graças a Deus eu lhe encontrei.

– O que houve, senhor?

– Minha filha saiu de madrugada para cuidar das galinhas e das plantações e não voltava para casa. Minutos depois fomos procurá-la e ela estava estirada no chão, longe da casa. Conseguimos reanimá-la, mas ela ainda está atordoada. A pobrezinha não diz uma palavra.

– Quantos anos tem a sua filha?

– Dezesete.

– Vamos lá agora.

Minutos depois o médico e o pai de Madeleine chegaram àquela humilde casa. A jovem estava deitada em sua cama, com o olhar perdido no teto da casa.

– Por favor, me deixem a sós com ela – disse Doutor Clément, fechando a porta do quarto. – Preciso conversar com ela.

Com a experiência de muitos casos e de seu trabalho em medicina, Doutor Clément Solignac, ao ver a jovem e as roupas rasgadas, logo imaginou que poderia ter acontecido. Para não expor os pais àquela situação, preferiu primeiramente avaliar a garota e inquirir a respeito do que acontecera. Apresentou-se como médico e disse que estava ali para ajudá-la. Inicialmente

Madeleine não esboçou reação, mas em seguida começou a chorar. Ficou minutos chorando, e soluçava bastante. Doutor Clément saiu do quarto, entregou umas ervas para a mãe da jovem e pediu para que ela fizesse um chá. Ao ficar pronto, deu um copo da infusão para a moça. Era preciso que ela se acalmasse para lhe contar o que havia ocorrido.

Um pouco mais calma, Madeleine finalmente pronunciou algumas palavras. Depois, pausadamente e com muita tristeza, foi contando tudo o que havia acontecido. Que estava cuidando das galinhas e, em seguida, começou a regar algumas plantas próximas ao pomar. E que, sem perceber, alguém a agarrou por trás e tapou a sua boca. Neste momento ela voltou a chorar e a soluçar. Contou que o estranho a forçou a praticar o ato sexual e que ela havia resistido o máximo que pôde. Era visível o sentimento de humilhação e tristeza daquela jovem. O médico, mesmo com toda a experiência que possuía, não deixou de se comover com a triste história. Com muito respeito, Doutor Clément pediu para examinar fisicamente Madeleine. Era preciso que ele constatasse que havia existido o estupro. Após o exame realizado, conversou um pouco mais com a jovem e pediu para que ela se acalmasse. Deu-lhe um pouco mais de chá e pediu que, por enquanto, ela não contasse nada aos pais.

Ao se retirar do quarto, os pais vieram ao seu encontro. Queriam saber o que havia acontecido com a sua filha. O médico se limitou a dizer que ela estava bem, mas que voltaria ainda naquele dia, na parte da tarde, e daria maiores informações. Com essas palavras, os pais de Madeleine se sentiram mais tranquilos.

Doutor Clément se retirou daquela humilde casa e, a caminho do consultório, localizado no centro da cidade, ficou pensativo a respeito da cena que presenciara.

– O ser humano é capaz de atos tão belos e, ao mesmo tempo, é capaz de atos tão cruéis e covardes. Pobre moça, que em sua juventude tenha passado por uma situação tão triste assim.

ANJOS DA TERRA

A razão pela qual Doutor Clément não queria dizer aos pais que a filha sofrera um estupro é porque ele queria contar com o apoio de seu amigo, Bispo Pietro, naquela missão. O religioso, com suas sábias e santas palavras, era a pessoa mais indicada para ajudar e confortar aquela família. Ele, como médico, apenas podia ajudar materialmente ao prescrever ervas para a paciente. Mas, naquele caso específico, a jovem e os pais precisavam de apoio espiritual para terem tranquilidade.

Em vez de ir para o consultório, a carruagem do médico seguiu outro rumo. Foi em direção à Catedral de Lyon.

– Bom dia, Clément. Não me diga que veio se confessar tão cedo! – brincou o bispo, dez anos mais velho que o médico. – Ou será que veio me consultar?

– Bom dia meu velho amigo bispo. Não vim fazer nem uma coisa, nem outra – disse amavelmente o doutor da cidade.

– Então vamos tomar um café e me explique o motivo desta tão honrosa visita.

Doutor Clément entrou na catedral com o religioso e minutos depois estavam na sala de jantar. O médico solicitou que conversassem reservadamente e contou-lhe tudo que havia se passado naquela manhã. O Bispo Pietro ouviu tudo, e ficou estarrecido com a história e triste pelo que havia se passado com aquela moça.

– Meu amigo bispo. Preciso que me ajude com aquela família. Eu não possuo as belas palavras de conforto que tens. O trauma de uma relação forçada pode ficar para sempre naquela jovem.

– Sim, meu caro amigo. Com certeza iremos e vou tentar ajudá-los.

– Outra coisa, Pietro – disse o médico.

– O quê?

Doutor Clément tomou um gole de café, comeu um pedaço de bolo e, após suspirar um pouco de tristeza, disse:

- Terei que acompanhar alguns meses a vida dessa jovem.
- Por quê?
- Ela pode ficar grávida. Encontrei sêmen ao fazer o exame médico.
- *Dio Santo!* – exclamou o bispo italiano em seu idioma materno.

À tarde, o bispo e o médico seguiram viagem em direção à zona rural de Lyon. O destino era a humilde casa daquela família que havia passado por tristes acontecimentos naquela manhã. O pai de Madeleine estava trabalhando na plantação e foi o primeiro a visualizar a chegada da carruagem. Imediatamente deixou suas ferramentas e foi ao encontro do médico. Ele ficou muito surpreso ao ver Doutor Clément acompanhado do bispo. O bispo da cidade em sua casa? Qual seria a razão daquela ilustre visita?

- Senhor, trouxe o bispo para conversar com vocês.
- Quanta honra receber o pastor de Lyon em meu humilde casebre – disse o anfitrião.
- A honra é minha, meu senhor. Sou apenas um servo de Jesus. O Mestre sempre estava entre os mais simples e humildes de coração. Com todas as minhas imperfeições, tento seguir o Seu caminho.

Dito isso, todos entraram na casa. Foram recebidos pela mãe de Madeleine. Ela igualmente ficou surpresa com a presença do bispo. O pai da jovem os convidou a entrar no quarto dela, mas o médico disse:

- Por enquanto não vamos entrar, senhor. Queremos conversar primeiramente com vocês dois – disse Doutor Clément em tom de seriedade.
- O nosso Bispo Pietro vai me ajudar nessa conversa.

O bondoso médico foi, aos poucos, descrevendo tudo o que havia acontecido com a filha do casal. A luta para ela se desvencilhar do estranho, o estupro cometido e depois o seu estado físico. Disse que a jovem estava muito abalada emocionalmente e que, por isso, a presença do bispo era de suma importância. E que deveria haver também compreensão e apoio dos pais. Então

Doutor Clément alertou para a possibilidade de que ela viesse a ficar grávida, o que ele somente poderia saber dali a algumas semanas.

O choque foi evidente na vida daquele casal. A mãe de Madeleine chorou muito de tristeza pelo que havia acontecido com a filha. O pai, ainda atônito com o que dissera o médico, não tinha palavras. O bispo conversou com os dois, falou do amor de Jesus e de como o Mestre cuidava de suas ovelhas.

– Senhor bispo, somos muito pobres e ignorantes. Não temos nada, nossa filha é o nosso único tesouro – disse o pai de Madeleine.

Aquelas palavras cortaram o coração do bispo e do médico. Ficaram alguns minutos em silêncio, mas internamente ambos choravam de tristeza por tudo que presenciavam. No entanto, sabiam que precisavam ser fortes para ajudá-los.

– Meu senhor, minha senhora. Prometo que iremos ajudá-los. Sou médico, mas não irei cobrar honorários desse trabalho. Virei diariamente visitar a sua filha, até que ela esteja perfeitamente saudável.

– Da minha parte, virei periodicamente aqui, mas rogo que vocês me procurem sempre que puderem na catedral. Na casa do Senhor sempre serão acolhidos e terão uma palavra de esperança. Lembrem-se da Bíblia e da passagem em Mateus, capítulo 6, versículo 26: “Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?”

Os donos da casa e o médico ficaram admirados com as bondosas palavras e a inteligência do bispo ao rememorar as palavras do livro sagrado, mesmo aos 80 anos de idade. E continuou dizendo:

– E agora vamos a Mateus, capítulo 6, versículo 28: “E, quanto aos vestuários, por que andais solícitos? Olhai os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam”.

As palavras do Bispo Pietro, com seu típico sotaque estrangeiro, soavam como alento para aqueles pobres corações. Conseguiram perceber que, por mais que houvesse muito sofrimento com tudo aquilo que acontecera, eles deveriam acreditar na Providência Divina e que não seriam desamparados.

– Vou conversar com a jovem – disse o bispo entrando no quarto e fechando a porta.

Minutos depois, o religioso retornou e disse aos presentes:

– Conversei um pouco com ela. Está um pouco mais tranquila, mas tudo ainda é muito recente. Precisarei voltar a semana toda aqui. Ela precisa ser consolada diariamente. O que aconteceu aqui foi muito sério. Retornarei amanhã.

– Eu também – disse Doutor Clément.

Os pais de Madeleine agradeciam a todo momento o carinho e a atenção daqueles dois senhores. Em um mundo do passado marcado por uma sociedade extremamente atrasada em questões como direitos humanos e da mulher, constituía grande raridade o apoio médico e espiritual prestado por aqueles senhores.

– São verdadeiros anjos na Terra – disse a mãe de Madeleine ao marido, após a saída dos visitantes.

O IRMÃO AARON

Desde que transferiu o controle de seus negócios para René, Aaron Vasselot passou a se dedicar a outros assuntos. Mais precisamente, ele começou a frequentar mais a igreja e a ter maiores contatos com os amigos, em especial com Doutor Clément e o Bispo Pietro.

Enquanto seus estimados amigos eram figuras ilustres e conhecidas em toda a cidade e região, principalmente pelo atendimento às famílias mais pobres e carentes, Aaron Vasselot era conhecido apenas pelos parceiros de negócios e pela alta sociedade de Lyon. Durante toda a sua vida ele teve muito pouco contato com as classes menos favorecidas. Com a maior aproximação dos amigos, Aaron começou a ajudar em pequenos trabalhos na catedral da cidade e, depois, passou a se interessar pelos pobres da região.

René sabia superficialmente que o pai fazia alguns trabalhos comunitários com o bispo da catedral. Ele chegou até a manifestar sua reprovação e indignação, visto que o pai era uma figura importante da alta sociedade de Lyon e, portanto, não deveria “manchar” sua história ao ter contato com os menos favorecidos. Aaron Vasselot, por sua vez, repreendeu o filho e ratificou seu interesse em prosseguir com os trabalhos de caridade e que isso seria o foco maior de sua vida, pois era viúvo e o filho em breve desposaria Candice Bascher, então aquela era uma atividade útil e importante para ele. Como foi visto anteriormente, René, imerso em outros aspectos que julgava mais importantes em sua vida, deixou de incomodar o pai a respeito desses assuntos.

Após alguns meses de trabalho em conjunto com os dois amigos, Aaron passou a lhes acompanhar em algumas visitas a famílias pobres da região. Eles iam na carruagem do médico e levavam algum auxílio material, mas principalmente a palavra espiritual. Aaron Vasselot, no entanto, não fazia essas visitas usando seus trajes finos. Na Catedral de Lyon, o antigo fazendeiro convenientemente trocava de roupa e vestia algo mais simples e informal.

– O médico e o bispo são conhecidos da população carente e possuem vestimentas que lhes são peculiares. Todavia, eu que não sou tão conhecido não preciso me passar por um nobre. Posso me apresentar como um simples irmão que deseja ajudar – dizia Aaron aos dois amigos.

Em suas visitas, algumas dessas famílias começaram a chamá-lo de Irmão Aaron, o que lhe deixava extremamente contente. Era uma forma de ele se despir de toda aquela riqueza e poder abraçar uma causa que ele considerava importante, mesmo que aquelas fossem épocas em que raramente se visse algo do tipo.

Naquela semana, um pouco aflito com a revolta do filho porque seu casamento não se concretizava, Aaron finalmente reapareceu na catedral. Explicou aos dois amigos a razão de ter ficado semanas ausente. Estivera ocupado com o filho desde que Louis Bascher havia feito um acordo com eles. Nesse acordo, o velho enfermo somente autorizaria seu filho a se casar

com Candice quando ele recuperasse totalmente a saúde ou quando falecesse, porque necessitava dos cuidados da filha. Todavia, Aaron Vasselot confessou aos amigos que o filho demonstrava estar, a cada dia, mais ansioso e revoltado com a situação e que havia percebido que ele estava saindo frequentemente em direção à taverna localizada em um povoado da região.

Ao ouvir toda a história do amigo, o Bispo Pietro e o Doutor Clément, que conheciam a situação da saúde de Louis Bascher, argumentaram que realmente não havia o que fazer, pois o fazendeiro cruel e sovina tinha tomado aquela decisão e que restava a René apenas esperar.

Dias depois, após o acontecido com Madeleine e aproveitando a presença de Aaron Vasselot, o bispo e o médico lhe contaram a triste situação daquela jovem. O pai de René se comoveu com a história, e seus olhos se encheram de lágrimas. Ele pediu, então, para lhes acompanhar na próxima visita.

Já haviam-se passado quinze dias desde o trágico crime cometido contra a jovem Madeleine. O grupo que visitava aquela família agora ganhava mais um integrante, Aaron Vasselot, mas que era chamado por eles de Irmão Aaron. O médico e o bispo, como sempre faziam, saudavam os donos da casa na chegada. Dessa vez, no entanto, havia alguém com eles. O pai e a mãe de Madeleine ficaram felizes ao conhecer aquele senhor, que aparentava ser uma pessoa de bom coração. O Irmão Aaron disse que havia se sensibilizado com a história da filha deles e tinha trazido alguns mantimentos e materiais para ajudar a família. Um sincero agradecimento foi dado pelo casal.

Enquanto estavam conversando na sala, Doutor Clément foi ver a paciente em seu quarto. Já haviam-se passado duas semanas desde o estupro e ele percebeu que Madeleine tinha alguns sintomas que poderiam indicar que estivesse grávida. Naquela época não havia os modernos testes para detecção de gravidez, então o médico tinha que atentar nos sintomas. Ela apresentava sinais de fadiga e sonolência, além de se queixar de dor de cabeça. O médico percebeu um inchaço inicial nas mamas e em algumas partes do corpo. Ela

tinha também pequenos sangramentos na região da virilha. “No entanto, ainda é cedo para ter um diagnóstico mais seguro” – pensou o doutor.

O médico julgou que era o momento ideal para conversar com a jovem a respeito daquela possibilidade. Ele tinha pedido aos pais de Madeleine para não falar nada com ela, pois era necessário dar um tempo para que ela tivesse mais forças, principalmente psicológicas, para enfrentar o trauma pós-estupro, ou a filha poderia ter um surto ou algo parecido.

Com muito cuidado e atenção, Doutor Clément conversou com Madeleine sobre a possibilidade de ela estar grávida. A jovem camponesa ficou muito assustada e começou a chorar, uma reação que o médico sabia, de antemão, que seria perfeitamente natural naquela situação. Explicou que precisava de mais algumas semanas para saber com exatidão se ela estava grávida e que ela deveria ter calma. Alguns minutos depois, Doutor Clément chamou seu amigo bispo para conversar com Madeleine. Era o apoio espiritual e a conversa amável que ela necessitava. Conversaram sobre a situação dela e sobre a possibilidade da gravidez. A todo momento a jovem dizia que não estaria e que seria um castigo divino se tal fato acontecesse. Minutos depois Irmão Aaron entrou no quarto. O bispo havia combinado com ele que sua entrada ocorresse uns quinze minutos depois. Quando Irmão Aaron viu aquela jovem deitada na cama e quando eles se olharam, ele sentiu uma inexplicável sensação. Sentiu uma tontura, e o bispo rapidamente chamou o médico, que já estava na sala.

– O que aconteceu Irmão Aaron? – perguntou Doutor Clément.

– Não sei, meu amigo. Ao ver aquela jovem eu tive uma estranha sensação – confidenciou baixinho – mas voltarei ao quarto. Já me sinto melhor.

De fato, Irmão Aaron retornou e se sentou em uma cadeira, ao lado do bispo. Olhou para aquela frágil jovem que tinha a idade para ser a sua filha. Falaram sobre diversos outros assuntos de forma a tornar mais agradável o dia dela e afastar um pouco aqueles maus pensamentos de tudo que lhe acontecera.

Após a visita, os três amigos, conversando na carruagem, disseram estar impressionados com as dificuldades que aquela família passava.

– Quero ajudá-los, bispo – disse Aaron. – Não sei o que aconteceu comigo naquele quarto. Foi uma sensação muito estranha. De tristeza e de alegria ao mesmo tempo. Estou com 60 anos e posso lhes dizer que apenas duas vezes na vida tive uma sensação parecida. Quando vi pela primeira vez a minha finada esposa e quando tive meu filho recém-nascido em meus braços.

A GRAVIDEZ

Aaron Vasselot não conseguia parar pensar naquela pobre família de camponeses. Ele tinha passado a vida toda preocupado com suas propriedades e com as riquezas que poderia obter, sem nunca se importar com a situação de outras pessoas. Lembrou-se, no entanto, que suas terras davam sustento para diversos servos, trabalho e dinheiro para empregados e alimentos que eram vendidos e abasteciam as casas de Lyon e região. Era um benefício indireto de sua produção agrícola e dos rebanhos que possuía. Mas, e diretamente? O que ele fazia? Estava convencido de que, na verdade, não fazia nada, e via o seu filho seguindo o mesmo caminho.

Por falar em René, Aaron se sentia culpado por conversar menos com o filho, agora responsável pelos negócios e cada vez mais irritado com a situação imposta por Louis Bascher em relação a seu casamento com Candice.

Não sabia exatamente o porquê, mas algo lhe dizia que tinha que se concentrar mais nos problemas imediatos daquela pobre família de camponeses, pois não tinha o que fazer em relação a René. Seu jovem filho continuava buscando a bebida e os amigos na taberna da região, e suas idas lá eram cada vez mais frequentes.

– Talvez ele desista do compromisso que firmamos com Louis Bascher e encontre uma outra companheira – pensou.

Nas semanas seguintes, os três amigos continuaram a ir à casa de Madeleine. Aaron Vasselot sentia grande necessidade de levar alguma ajuda

material para eles. Alimentos, objetos e até algumas moedas de ouro foram dadas aos camponeses. Em uma dessas visitas, o Doutor Clément saiu do quarto de Madeleine, fechou a porta e fez o seguinte comunicado aos seus pais e aos dois amigos:

– Agora os sinais são evidentes, a jovem Madeleine realmente está grávida. A mãe dela apertou as mãos do marido e começou a chorar.

– Minha senhora, entendo que a origem da concepção é motivo de tristeza e lamentação por todos nós. No entanto, vamos considerar também que é uma vida que está para chegar e que será um bebê que todos devem amar e cuidar.

Passados alguns minutos, o Irmão Aaron pediu permissão para poder conversar a sós com a jovem, o que foi concedido. Um pouco acanhado, ele entrou no quarto e se sentou na cadeira ao lado de Madeleine. A jovem virou para o seu lado e tristonha disse:

– Meu bom senhor. Veja a peça que o destino me pregou. Sempre procurei ajudar meus pais e trabalho com afinco desde criança – e desatou a chorar.

O Irmão Aaron ficou muito comovido com as palavras daquela moça. Tentou se conter, mas realmente a sua emoção era evidente. A jovem continuou dizendo:

– Se eu pudesse, retiraria essa criança que não foi desejada.

Buscando forças não se sabe de onde, o pai de René se recompôs e disse:

– Minha querida jovem. Sabemos que essa criança que vai nascer foi concebida de uma forma muito cruel e covarde. Sabemos, também, que Deus há de cuidar do seu agressor. Certamente ele não passará impune. Mas, quanto à criança, vamos amá-la e dar todas as condições para que seja bem cuidada.

– Meu senhor, agradeço as palavras. Mas eu tenho muito ódio no coração pelo meu agressor. Recordo-me vagamente de seu rosto e espero um dia ainda lhe encontrar e me vingar.

Amostra grátis das 100 primeiras páginas do livro A Janela do Castelo

**Adquira o livro completo (impresso)
pelo email:**

adm.ricardoribeiroalves@gmail.com

Siga o Instagram: **@ricardo.escritor**